

## TOPOGRAFIAS E TOPOLOGIAS DE KOLKATA

### 4. Usos e Representações do Espaço Público em Kolkata

*“Too much poverty, too crowded, too dirty, too polluted”*

#### 4.1 Introdução: O Encontro com Kolkata

Kolkata, capital do estado de West Bengal, é um destino pouco procurado pelos turistas internacionais, servindo de porta de entrada e saída do nordeste do país e utilizada por muitos, apenas, como local de trânsito para os circuitos de turismo religioso budista e de ecoturismo e aventura na região leste dos Himalaias e das Ilhas Andaman e Nicobar situadas na baía de Bengala. Os restantes turistas, que permanecem por longos períodos de várias semanas ou meses na cidade, encontram-se habitualmente envolvidos em projectos académicos ou profissionais diferenciados ou em regime de férias complementado com trabalho de voluntariado social. Na sua maior parte, partilham a procedência de classes média e média alta de origem urbana em sociedades de desenho ocidental.

Pelas palavras do proprietário de uma das muitas agências de viagens na cidade que contactei:

**BCK:** Here in South Kolkata we operate mainly with domestic tourists. We have some tourists from Britain, with a nostalgic purpose: to visit the places where their relatives lived or had been. Some tourists, most from Germany and UK, which come several times because they have some business here, some projects, things like that. But most of the foreign tourists, that we deal with, come for the Buddhist tourism (maybe 70%). All ages, from Europe, Thailand, Japan, Sri Lanka. They stay for 1 or 2 days in Kolkata (entry gate) and go to Bihar (usually by flight), Patna, Bodhgaya (Mahabodhi temple), then Sarnath (near Varanasi – first sermon), Kushinagar (cremation place of Buddha) and, Lumbini (Border of Nepal – birth place of Buddha). And sometimes they don't come back; since they are close to Delhi, go to visit Taj Mahal and leave from Delhi. From my experience, they don't stay in

India more than 7 days and with news plans for direct flights to Patna from Thailand and Sri Lanka, they don't have to pass through Kolkata. Kolkata has nothing to offer, it's a new city, no ancient historic buildings or things of that sort, just Sunderban for wildlife lovers. That tourism should be the focus of development.<sup>29</sup>

Ou de acordo com um agente de uma associação para conservação e turismo sustentável sediada em Kolkata e a operar em zonas como Sikkim e as selvas Sunderban e Dooars:

**AB:** Our tourists don't come to visit Kolkata. (...) We offer village tourism, bird watching and wildlife tourism – we offer an experience, not just a place to see. This demands a particular mindset, a particular kind of tourism. We have a simple slogan: “Each one, rich one”. Small special groups, larger size is 20, we don't operate with mainstream tourism. [They are coming], mainly, from UK. Bird watching and wildlife groups are mainly from UK. But we have a considerable amount of groups coming from America (US) this year, six times more than last year. Also, Germany, Spain, Italy. I can give you the data from last year: last year about 65% of our guests were from Europe. That includes, mainly, UK and Germany, two groups from France, one group from Italy, one group from Spain, and one group from US. This year, we already had more than 70% of tourists in non-groups, among which, there was, in this order: UK, US, Britain, Australia and Germany. (...) This year we have mainly three different types of groups: scientists and journalists – age group: 40 to 60; wildlife experts and birdwatchers – 32 to 40; and students – 14 to 24, national or international, they come from different colleges or individual initiative to learn about wildlife, develop some kind of project and wildlife photography.<sup>30</sup>

E como também já verificado por Petri Hottola no seu estudo conduzido entre 1993 e 1997 entre turistas “de mochila às costas” na Índia, mesmo para estes:

There were other locations which one would expect to attract long stays because of their international reputation as tourism destinations but which were nevertheless avoided. Among them were the cities of Srinagar, Amritsar, Delhi, Jaipur, Agra, Varanasi, Mumbai, Thiruvananthapuram, Chennai and Kolkata (Hottola 2005: 10).

---

<sup>29</sup> Conversa com [BCK], reformado da administração da Indian Airlines e proprietário de uma agência de viagens na zona sul de Kolkata. Kolkata, 1-03-2006.

<sup>30</sup> Conversa com [AB], membro de uma associação para conservação e turismo sustentável - *Team Head, Corporate Training & Educamp*. Kolkata, 12-02-2006.

“Too much poverty”, “too crowded”, “too dirty”, “too polluted”<sup>31</sup> - são as expressões mais utilizadas (e frequentemente de modo cumulativo) pelos turistas internacionais na descrição de Kolkata. A regularidade da persistência destas formações discursivas para representação da cidade é de tal forma dominante que ocorreu – sempre, em algum momento – não apenas para os turistas contactados na cidade mas também para outros, que encontrei em diferentes lugares da Índia, em enunciados argumentativos para o evitamento da sua visita. Este apanágio não será exclusivo desta cidade. Muitos outros lugares do mundo poderão ser descritos utilizando estes ou termos similares, numa ou outra circunstância e, certamente, que Kolkata também pode ser (e é, como se verá) representada por muitas outras características. O que terá, então, Kolkata de tão particular para adquirir esta persistência na escolha de termos utilizados para a sua representação nos discursos dos turistas ocidentais?

Apesar da importância da dimensão do visual na experiência turística - sobejamente argumentada por John Urry em *The Tourist Gaze* (1990) e também central a esta investigação - sublinho que de modo algum a considero como uma versão unidimensional da vivência turística. Os turistas não são “olhos sem corpo” - são corpos em que as imagens visuais se convertem no mediador primordial de comunicação para informação e conhecimento; em que a imagem visual e textual é usada como metáfora e meio de expressão para um todo fenomenológico de experiências corporalizadas. Na linha de fenomenologistas franceses como Sartre e Merleau-Ponty ou pensadores contemporâneos como os japoneses Ichikawa e Yuasa (ver Nagatomo 1992, Kasulis *et al* 1993, Chikako 2002), recuso uma análise cartesiana de dualidade corpo/mente incorpórea. Como definiu Elizabeth Grosz:

By *body* I understand a concrete, material, animate organization of flesh, nerves, muscles, and skeletal structure which are given unity, cohesiveness, and organization only through their psychical and social inscription as the surface and raw materials of an integrated and cohesive totality (...) The body becomes a human body, a body which coincides with the “shape” and space of a psyche, a body whose epidermic surface bounds a psychical

---

<sup>31</sup> A língua inglesa é o mediador linguístico mais utilizado pelos turistas internacionais em Kolkata, quer na comunicação entre turistas e anfitriões, quer entre si. De forma isolada, mas, mais frequentemente, de forma cumulativa, estes termos foram omnipresentes nos enunciados discursivos dos turistas internacionais na sua apreciação imediata da cidade. Embora turistas internacionais de outras origens tenham sido contactados, como já referi, os turistas “ocidentais” são aqui largamente majoritários, centrando-se em si o objecto deste estudo.

unity, a body which thereby defines the limits of experience and subjectivity (Grosz 1992: 242).

No encontro do turismo, os sujeitos-corpos experienciam e somatizam a sensação do outro, da diferença, das diversas paisagens sensoriais (*sensescapes* como designado por Rodaway 1994). Movem-se entre, através, experienciam e corporalizam as diferentes sensações, da realidade exterior que são mediadas depois em construções narrativas com fotografias e enunciados discursivos. Fazendo uso da autonomia relativa das possibilidades de dizer partilhadas pela comunidade a que pertencem, os sujeitos procuram construir discursos unificadores das ambivalências e contradições de significados (oferecidos por formações ideológicas e saberes fragmentados do seu reportório), traduzindo as representações mentais de prazer, desconforto, fadiga, desejo, repulsa, identidade ou diferença experimentadas.

Kolkata, West Bengal, Índia. 15 de Outubro de 2004 - excerto do meu “diário de campo”:

Apanhámos um táxi em Gol Park e dirigimo-nos à estação de metro de Rabindra Sarovar<sup>32</sup>. É um prazer descer as escadas da estação. Às 11.30 da manhã, o ar quente da rua envolve-nos como um manto espesso e pegajoso, saturado de monóxido de carbono dos milhares de motorizados que se movem ao som ininterrupto da desafinada orquestra de buzinas que, sabemos, não se calará até às primeiras horas da madrugada.

As estações de metro são arejadas e frescas e o metropolitano eficiente transporta-nos rapidamente e com baixo custo até Park Street, mais a norte na cidade. Saímos para o exterior e deparamo-nos com uma larga via de sentido único, sobrelotada de automóveis que se movem no sentido contrário ao do que nos lembrávamos. O sentido é invertido em diferentes horas do dia, fomos esclarecidos.

Dirigimo-nos à instituição The Asiatic Society, que conta uma idade notável de mais de duzentos anos (fundada em 1787). No *hall* do piso térreo encontramos o primeiro de muitos livros de registo que nos serão dados a preencher, sobre uma secretária que nos separa de três homens, que parecem constituir a primeira linha de defesa de um forte de interiores verdes desbotados. Completos os procedimentos, subimos aos escritórios. Um homem com ar de repouso, sentado à frente de um computador desligado que se encontra protegido por uma capa bastante ergonómica, de plástico impermeável, decorado; um outro funcionário, também, parecendo dispôr de todo o tempo do mundo, ao fim de algum tempo, recebe-nos e expomos, mais uma vez, o que nos traz ali – solicitar autorização para aceder à biblioteca. Afável, explica-nos que podemos aceder à biblioteca e ao museu

---

<sup>32</sup> *Rabindra Sarovar* [Robindra Shaarobaar] – Estação de metropolitano que toma o nome do grande parque verde existente nesta área. *Sarovar* – lago; *Rabindra* – nome atribuído em homenagem a Rabindranath Tagore, premiado Nobel da Literatura em 1913 e um dos mais influentes pensadores em Bengala, elevado ao estatuto de ícone da cultura bengali.

enquanto escreve, numa pequena folha, o nome da pessoa que nos deverá facultar o impresso para um cartão de acesso necessário à sala de leitura. Entregamos os passaportes para fotocopiar, preenchemos outro livro de registo e saímos com a sugestão de visitar o museu no piso intermédio.

(...) Saímos [do museu], depois de preenchermos mais alguma coisa num outro livro de registos, e descemos um lance de escadas que nos conduz à biblioteca.

Ao balcão, dois funcionários, com o mesmo ar tranquilo e movimentos pausados, antecipam-nos a entrada com mais uma largada de malas de mão e o necessário preenchimento das mesmas informações em mais um livro. A pensar em clonagem e em armazéns de arquivo de milhares de livros de registos de capa preta, fiquei a aguardar a disponibilidade da pessoa que nos facultaria o cartão. (...) A tal senhora tarda em chegar e o desejo de ir almoçar assola-me – começo a sentir-me exasperada com estes longos períodos de espera.

Dirigi-me novamente a um dos homens do balcão, que apesar do seu limitado domínio da língua inglesa (mas bastante melhor que o meu bengali, que é ainda nulo), percebeu que o tempo de espera começava a parecer-me demasiado. Desapareceu pela porta e em poucos segundos reapareceu fazendo-me sinal para avançar. A senhora, ainda jovem, apareceu com ar de médica em consulta de clínica geral e explicou-me de forma calma e pausada que, já sabendo do que se tratava, me poderia adiantar não haver qualquer razão para eu ter esperado. Não seria necessário qualquer cartão, em vez dele, muito mais simples – informou-me – sempre que pretenda utilizar a biblioteca – numa outra altura, porque agora iria fechar – bastará preencher um formulário. Despedi-me, e com um sorriso amarelo preenchi outra vez uma informação necessária, no mesmo livro de registo, à saída. Com a mesma lentidão e ar plácido, devolveram-me a mala. Desci outro lance de escadas até ao piso térreo, de esferográfica em punho, preenchi pela última vez a informação necessária a mais um livro de registos e saí para a canícula, fumos e ruído ensurdecido, à procura de um sítio para comer.

O almoço, como de costume, soube-me deliciosamente.

O excerto que aqui transcrevo corresponde à minha primeira entrada do “diário de campo” em Kolkata, cinco dias depois da minha chegada. Embora já tivesse visitado a Índia anteriormente em 2001, não tinha permanecido em nenhuma grande cidade mais do que um par de dias e esta era a minha primeira vez em Kolkata. A excitação e o prazer da chegada a este país e a esta cidade, após um dia e uma noite em viagem e com uma diferença de fuso horário de cinco horas e meia, foram quase imediatamente subjugados por uma sensação de exaustão e debilidade física que se prolongou por cerca de três semanas. Tal como para a maioria dos turistas internacionais, o meu primeiro contacto com a cidade foi efectuado logo após a estação das monções, quando a temperatura ambiente não é muito elevada, com máximas de 27-30° C, mas a humidade do ar atinge valores de 90-100% de saturação. A estas condições climatéricas,

adicionam-se os elevados níveis de ruído e de poluição atmosférica, que se eleva nesta altura, no período entre Novembro e Março, e se mantém acima dos níveis considerados seguros para a saúde até à estação seca, com elevadas concentrações de gases nocivos, incluindo benzeno proveniente da combustão intensiva de carvão<sup>33</sup>. Nos meses de inverno, apesar da temperatura amena, é habitual ver os residentes agasalhados e com cachecóis enrolados, cobrindo cabeça e pescoço, na tentativa de evitarem as sazonais infecções respiratórias e de ouvidos. É uma medida eficaz mas que os estrangeiros na cidade, tal como eu, não tomam: a canícula e o ar denso dificultam a respiração, a sudorese intensa instala-se após 15 minutos de exposição na rua e, por isso, procuramos usar roupas leves e a ideia de cobrir orelhas e pescoço parece insuportável.



**Fotografia 01** Fernando Sousa, Assist. na investigação

Em Kolkata, muitos serviços funcionam ininterruptamente até ao seu encerramento diário à noite pelas 19:00 - 20:00h, sendo tardia a sua hora de abertura: 09:00 - 11:00h, o que se reflecte na hora de ponta da manhã, situando-a entre as 9:30h e as 11:30h, altura em que o calor já é intenso. Assim, os estrangeiros na cidade tendem a procurar espaços fechados e a recorrer ao metropolitano para se mobilizarem a meio do dia, circulando a pé ou em transportes de superfície apenas ao fim da tarde e à noite, quando o ar é menos quente mas também mais húmido. Para mim, o resultado foi uma infecção respiratória associada a uma otite que me obrigou a um tratamento de um mês com antibióticos.

---

<sup>33</sup> De acordo com Dipankar Chakraborti (1997), em 1995, calculava-se em 80% o número de famílias a usarem carvão como fonte energética, na cidade.

Ao longo dos seus 300 anos de existência, Kolkata sofreu várias alterações dimensionais e de configuração. Actualmente, ocupa uma área central (KMC)<sup>34</sup> de aproximadamente 187 km<sup>2</sup> com uma densidade populacional fixa de mais de 4.5 milhões de habitantes (4.580.544 de acordo com os números oficiais de 2001)<sup>35</sup> ou, dito de outra forma, uma densidade média de 24 pessoas por metro quadrado. Se nos referirmos, no entanto, à área metropolitana coberta pela cidade (KMA)<sup>36</sup> estaremos a considerar uma área de 1785 km<sup>2</sup>, incluindo 3 corporações municipais, 38 municípios, 72 áreas urbanas não municipais e 340 *Mouzas* rurais em 165 *Panchayats* e 22 *Panchayat Samities*<sup>37</sup>, com cerca de 14.7 milhões de habitantes (Censo 2001), o que reduz, significativamente, a densidade populacional, atestando a situação de sobrepovoamento na área central da cidade<sup>38</sup>.

Tendo já visitado outras mega-cidades com grande densidade populacional e trânsito congestionado, como Mumbai, Delhi ou Cairo, devo confessar que, inicialmente, Kolkata me pareceu ultrapassar qualquer uma delas. Os transportes públicos são inúmeros e variados: além dos 16 km de metropolitano, 70 + 28 km de linhas segregadas de eléctrico (Whitelegg 1997) e sistema circular de comboios (cujas duas maiores estações servem diariamente 2 milhões de passageiros); entre autocarros, táxis, *autorickshaws*, veículos de transporte pessoal e de bens, cerca de 912000 veículos motorizados circulam à superfície diariamente (Jana *et al* 2008), buzinando continuamente a cada manobra e a qualquer altura do dia ou noite. Na Índia, a poluição sonora só é considerada ofensa desde há cerca de 20 anos, com a promulgação do *Environment (Protection) Act* de 1986. E um pouco por todo o país, buzinar é entendido como parte integrante da arte de condução de veículos, sendo a legitimidade deste

---

<sup>34</sup> KMC – Kolkata Municipal Corporation.

<sup>35</sup> Fonte: «Population, Decadal Growth Rate, Density and Sex Ratio by Residence and Sex, West Bengal/District, 1991-2001». Directorate of Census Operations, West Bengal, 2003.

<sup>36</sup> KMA – Kolkata Metropolitan Area.

<sup>37</sup> Um governo composto por vários partidos de esquerda liderado pelo Communist Party Marxist of India (CPM) que governa ininterruptamente este Estado desde 1977 instituiu um plano de reforma agrária, conhecido como Operation Barga, com o objectivo de assegurar uma maior equitatividade na propriedade e receitas agrícolas entre os grandes proprietários rurais e os camponeses. Estas medidas foram sucedidas pela descentralização das estruturas de poder nas áreas rurais através do sistema tridimensional de governo local conhecido como *Panchayat Raj* e que entrou em efectivo funcionamento em 1985. Assim, o Estado de West Bengal é administrativamente dividido em Distritos, *Panchayat Samities* (grandes aglomerados de aldeias) e *Gram Panchayats* (o órgão de base de representação do poder local, eleito por um pequeno bloco de aldeias – cerca de 12 a 15).

<sup>38</sup> Fonte: Kolkata Metropolitan Development Authority (KMDA), 2006.

procedimento reforçada pelo slogan “Please Blow Horn” escrito na maioria das traseiras dos veículos pesados<sup>39</sup>.



**Fotografia 02** Fernando Sousa, Assist. na investigação

Durante o dia, contando com a população flutuante, a cidade central acolhe cerca de 6 milhões de pessoas, com algumas áreas a atingirem uma densidade populacional de 100000 indivíduos por km<sup>2</sup> (Chakraborti 1997). Os ubíquos transeuntes que circulam nos passeios extravasam para as vias, que acomodam ainda as ecológicas bicicletas, *rickshaws*, *cyclerickshaws* (também com buzinas ou campainhas) e um sortido de viaturas de transporte de bens e mercadorias puxadas à mão.

**Imagine your local high street on a Saturday afternoon, now imagine it half as wide put a few more taxis in it, some cows, some rickshaws and throw in some street stalls just for the fun of it. Now imagine being in a taxi going 80 km/h (no exaggeration) through that lot dodging and weaving like a computer game... we were scared and he didn't understand when we asked him to slow down (...)** (turista inglesa, três dias de estadia em Kolkata<sup>T13</sup>).

---

<sup>39</sup> Apesar dos níveis de produção de ruído e medidas de controlo terem começado a ser regulamentados em 1986, na prática, os níveis de ruído na cidade, em muitos lugares e épocas do ano, continuam a ultrapassar os níveis considerados toleráveis para o ouvido humano. Na minha experiência de terreno, à excepção dos técnicos e agentes do West Bengal Pollution Control Board, este é um tema sem qualquer relevância para os residentes, nunca tendo sido incluído como factor problemático ou ofensivo nos seus discursos sobre a qualidade de vida em Kolkata. Em verdade, para meu espanto e de muitos turistas internacionais, é comum a observação de residentes a dormirem profundamente a sua sesta a meio do dia, em espaços públicos de ambiente (para nós) ensurdecedor.



**We had a quick kip as neither of us managed to sleep much on the plane, and then (against all sane judgement) went off to explore. (...)We are now back in the safety of Sudder Street (yes I said safety, this ramshackle street now seems so relaxed and laid back compared to further afield). We have decided that Kolkata is maybe just one step too far on the side of extreme travelling and are jumping on the next available train to Nepal** (turista inglesa, dois dias de estadia em Kolkata<sup>T7</sup>).

Para o forasteiro principiante, circular nas largas avenidas e áreas de intersecção movimentadas pode assumir contornos desesperantes: exige audácia, sentido de oportunidade e esforço de acuidade; a estimulação de sentidos é avassaladora e a dificuldade de processamento da informação pelo não reconhecimento de significados de um real que é estranho, num corpo fatigado e débil, provocam sensações de desorientação, insegurança, irritabilidade e desalento: “too much...”.

No que me diz respeito, foi necessário decorrerem algumas semanas até sentir a adaptação do corpo às condições climatéricas, eliminação da sensação de fadiga permanente, ajustar minimamente o sentido de orientação e adquirir referências e competências para mobilização, localização e utilização de serviços. Todavia, os quatro meses de estadia neste período não foram suficientes para eliminar completamente as sensações esporádicas de desorientação e irritabilidade na movimentação em espaços públicos. Ou a perplexidade – que revelo no diário – perante a serenidade exibida pelos residentes diante das mesmas circunstâncias e o vagar e tranquilidade, contrastantes, na execução de tarefas e funcionamento dos serviços. Apenas no meu segundo trabalho de campo e após decorrido o primeiro mês de estadia, pude finalmente usufruir da constância das sensações de segurança, prazer e deslumbramento que passaram a engastar, desde então, a minha experiência de movimentação neste espaço público extraordinariamente rico - que, a partir desse momento, passei a indexar de maravilhoso e minha segunda casa.

Porém, para a maioria dos turistas internacionais que visitam Kolkata, este período de aclimatação não é realizado. Dispondo apenas de alguns dias de estadia, deparam-se com a inexistência de uma relação intrínseca deste real com os seus referentes de cidade e espaço público; com a falta de referenciais asseguradores para compreender e usar este objecto que não tem o significado que conhecem. E a sua experiência e

somatização da sensação da alteridade, da estranheza desta paisagem sensorial densa de estímulos no seu corpo fatigado, como expresso acima pela segunda turista: “is maybe just one step too far on the side of extreme travelling and are jumping on the next available train to Nepal”<sup>T7</sup>.

Esta linha de diferenciação que se estabelece entre a experiência do etnógrafo e a maioria dos turistas acontece por duas razões: pela divergência de propósitos e motivações e pela familiaridade com o lugar. Como se pode verificar no enunciado de um turista inglês, também antropólogo, na sua segunda estadia na cidade e com várias estadias anteriores em outros lugares da Índia:

**Like you I’m an anthropologist and... There is a debate about whether we are cultural relativists or not, but we have to be accepting and participate a lot; to be within it, you cannot always be fighting it. But, still...why can’t the government just do a couple of really progressive things about, for example, this unbreathable air, this is killing the residents of Kolkata. (...)**

**This is a contradiction but, when I first got off the plane I smelled the Kolkata smell and I actually found that really exhilarating, because it is connected back to so many previous experiences. And here is a total contradiction: I had this indulgence for the black smoke for the first day, and I enjoyed that. The smell of Kolkata is very unique; it is definitely different from other cities in India** (turista/antropólogo, inglês, duas semanas de estadia<sup>T24</sup>).

E à semelhança do que é revelado em inúmeros estudos empíricos ao nível das percepções de outros lugares (Chon 1991; Fakeye & Crompton 1991; Echtner & Ritchie 1993; Hu & Ritchie 1993; Milman & Pizan 1995; Baloglu & Mangaloglu 2001), embora este tipo de representação - “too much...” - persista entre os turistas encontrados com longas estadias na cidade, os factores familiaridade, número de visitas e duração da estadia tendem a reflectir-se na expressão de imagens mais holísticas, complexas e diferenciadas:



Fotografia 03<sup>T25</sup>

**This last picture is beautiful to me. Mainly because it tells me, very much, about no one keeping any rules. See: in the middle of the road there are two bicycles just like in 90° meeting each other and, the tram is coming, a guy is walking, it doesn't matter! No one is keeping track of the other one; it doesn't matter. This is what I also feel in the city, though they strive very much, maybe, to see their way done. They keep on moving, there are not as many accidents as there might be or I would expect! (...) I like the contrast, I like the way bicycles are allowed in the middle of the city and big trucks are allowed and old trams and autos...I like it as an idea, I don't like it when I'm walking around, because it's too much to take care of... And that makes me think of the whole city, as a feeling of the city (investigadora de filosofia comparada, romena, 11 anos de estadia na cidade<sup>T25</sup>).**

Para reflectir sobre as representações e o modo como as práticas culturais se articulam com a criação/recriação do espaço<sup>40</sup> público nesta grande metrópole, este capítulo procurará introduzir o leitor na paisagem sensorial da cidade e nos seus significados. Irá centrar o seu objecto de análise nos espaços visualmente expostos (os espaços de acessibilidade mais imediata à experimentação e representação pelos turistas) em que estão presentes uma certa forma de ambiguidade, uma dissociação entre a vocação para a qual foram configurados e a sua apropriação pelos agentes sociais. Julgo ser esta

---

<sup>40</sup> Para uma breve aproximação à produção antropológica que tem sido feita sobre espaço, ver Levinson 1996; para uma aproximação a nível multidisciplinar, ver, por exemplo, Collinge 2005.

ambiguidade, ou subversão de visibilidades do espaço público na cidade, o factor causal da grande ansiedade revelada pelos estrangeiros na sua apropriação e representação.

A realidade do objecto cidade resulta de um acto cultural de classificação: as cidades não são só sujeitos de representação mas também objectos nas representações. A colonização de um espaço para habitação, uso de lazer, labor, culto, ou depósito de detritos, significa estabelecer uma identidade para todo o ambiente envolvente. Assim, a cultura tem um papel decisivo na definição da imagem de paisagem urbana e Kolkata introduz uma ruptura subversiva na lógica “ocidental” de representação do objecto cidade e de paisagem urbana, pela exposição visual da pobreza, dos detritos, de acções da esfera privada e da sua acomodação nos espaços públicos, com a consequente imposição do seu confronto sensorial. É a própria noção de espaço público que está em causa, uma vez que, pelo enquadramento cénico e performativo único dos espaços comuns e pela apropriação de espaços visualmente expostos para usos não convencionados, Kolkata revela uma visão dialógica da cultura pela ostentação de uma resistência às dicotomias de poder entre o culturalmente dominante e o culturalmente dominado<sup>41</sup>. Uma resistência à “habilidade de poderes hegemónicos em naturalizar categorias espaciais de modo a privilegiar os interesses dos que beneficiam com as relações de propriedade capitalistas” (Benko & Strohmayer 1997: 151).

Relativamente ao reforço da afirmação identitária, que passa pela valorização do património, saliento que em Kolkata, a eleição a esta categoria pelos residentes, embora contemple alguns conjuntos arquitectónicos, incide sobretudo no tecido social – a tolerância, a *adda*<sup>42</sup>, a hospitalidade – representado como o bem mais valioso das suas representações identitárias de cultura urbana. Os bengalis definem-no com uma

---

<sup>41</sup> O uso que faço do conceito de prática de resistência não é exactamente o de Michel de Certeau (1984). O seu modelo assenta na oposição essencial entre “oficial” e “contra-oficial” (ou prática quotidiana do indivíduo comum) e na distinção clara entre as “estratégias” (atribuídas no âmbito do primeiro) e as “táticas” (no âmbito do segundo): «on the watch for opportunities that must be seized ‘on the wing’» (1984: xix). Embora entendendo as suas premissas como válidas, como procurarei demonstrar, a prática de resistência que encontro em Kolkata é equacionada em face dos valores representacionais de ordenamento do real social de uma cultura dominante, contudo, transcendendo os limites do modelo de Certeau. Ou seja, nem sempre traduzida em resistência a “estratégias” oficiais (em algumas situações, a própria legislação é resistente a valores de poderes hegemónicos), por vezes em “táticas” agenciadas por grupos com inserção institucional (como organizações partidárias, sindicais, movimentos cívicos, etc.) e, como defende John Frow, não eliminando a negociação, cumplicidade e aceitação desse domínio de valores pelos “indivíduos comuns” ou ocorrência de divergências e conflitos entre os mesmos (Frow 1995: 56).

<sup>42</sup> *Adda* [aaddaa] – palavra bengali de significado similar ao termo português “tertúlia”.

expressão: *Shantipurna shohobosthan* [shantipurno shohobosthaan] – “a terra da coexistência pacífica”. E como procurarei argumentar, também a ênfase colocada neste patrimônio social se revela simultaneamente como procedência e derivação da paisagem particular da cidade.

#### **4.2 Usos e Representações de Cidade e Espaço Público em Kolkata**

O modelo habitualmente seguido para contar a “história urbana” de Kolkata cita edifícios públicos como o New Court House, Government House, Town Hall, Writer’s Building, Victoria Memorial, Indian Museum ou o New Market, invocando um passado de inscrição de memória do domínio imperial britânico, do seu papel na construção da cidade, e cujos autores (arquitetos e decisores) são reconhecidamente individualizados<sup>43</sup>. Como descrito por Martin Beattie:

Fuelled by interests within the British colonial enterprise, a vast body of textual and visual representations of India was produced during the last two centuries of colonial rule. This body of knowledge, constituting the bulwark of British Orientalism, primarily addressed a European audience, spoke for the Indian, and claimed to represent the authentic India (Beattie 2003: 154).

Todavia, esta construção narrativa e que é a mais familiar para os estrangeiros que chegam a Kolkata, serve pobremente a capacidade de imaginar a experiência desta cidade. Como declarado por uma jovem tailandesa que em 2007 aqui permanecia há vários meses, para desenvolvimento dos seus estudos em literatura inglesa:

**Kolkata for me...before I was told that Kolkata was ruled by the British, so...everything must be developed and everything must be like in a Western country. But when I came here... If you want to know Kolkata, you have to come and stay! (...) I really don’t know about Kolkata...I really don’t know about the places to go! So, I was not sure about which way, which direction is going to. I think I have to stay another 2 or 3 years...I think I will learn more. It is very difficult to go**

---

<sup>43</sup> Para uma história colonial de Kolkata, ver por exemplo: Nair 1993, vols I, II; Chaudhuri (ed.) 2005, vol. I.

**on the streets by myself** (estudante de literatura inglesa, tailandesa, 1 ano de estadia na cidade<sup>T28</sup>).

Com efeito, são os inúmeros actores, agentes e contextos (distintamente ilustres e anónimos) que ao longo do tempo, paralelamente, colateralmente, sucessivamente e em sobreposição, desenham as configurações particulares de uma cidade. «As Italo Calvino has written, we must accept that it is the interweaving thread of desires and fears which makes dreams and cities come true» (Del Rio 1992: 279). E fazendo uma apropriação do equacionamento produzido por Barthes sobre alguns objectos num dos seus ensaios em *Mithologies*, a cidade, enquanto objecto de representação e consumo, parece possuir uma qualidade mítica. À semelhança de outros objectos analisados por este autor, e ao contrário do modo como é habitualmente expressa através das narrativas lineares históricas, a cidade parece transcender a intervenção humana. “Ninguém” parece ter sido responsável pela sua construção e “todos” parecem poder apropriar-se dela: «conceived with passion by unknown artists, and consumed in image if not in usage by a whole population which appropriates them as a purely magical object» (Barthes 1972: 88).

Particularmente para a cidade de Kolkata, enquanto objecto de ostentação de visibilidades, de excesso e de intrincado - do manifesto “too much...” pelos turistas -, penso que a opção de uma narrativa não linear de aproximação a algumas das histórias do passado e do presente, será a mais frutífera para aceder ao complexo de significados, possibilidades e realidades da materialidade urbana exibida. Edificada também por estrangeiros e marcada por um passado colonial e de imigração, a leitura deste lugar impõe a compreensão de sociogeografias sobrepostas; de narrativas e representações do passado e do presente de colonizadores e colonizados, dos seus processos de mutação, conflito e negociação; de realidades e possibilidades, por vezes descontínuas, desordenadas, em competição ou contradição.

Como declara esta romena, há onze anos na cidade, Kolkata exige um modo alternativo de narrativa:

**(...) a way to, probably, explain a deeper way of seeing the city. (...) the order they are creating through their disorder... the order that, probably, we, as foreigners, cannot in the beginning understand or perceive - because we really see only disorder all over!** <sup>T25</sup>

#### 4.2.1 Histórias da Construção do *Genius Loci*<sup>44</sup> da Cidade

Kolkata, capital imperial pela determinação e perseverança da administração britânica até 1911 e, desde a Independência do país, em 1947, do estado de West Bengal, situa-se na região litoral do nordeste da Índia nas planícies do delta gangético, protegida pela maior floresta de mangues do mundo – a *Sundarban* [shundorbon], “a bela floresta” ou *bhatir desh*, “a terra das marés”, como é chamada pelos habitantes das suas ilhas. Região desde há muito utilizada por todos que entravam no sub-continente pela rota oriental: khmeres, javaneses, malaios, chineses e, mais tarde, europeus como os portugueses e holandeses, todos foram derrotados pela sua paisagem implacável. Milhares de ilhas de lama e floresta, que se estendem por centenas de quilómetros (partilhados agora por West Bengal e Bangladesh), encontram-se em permanente e imprevisível mutação por marés diárias com correntes que penetram a 300 km, submergindo completamente hectares de ilhas, para reaparecerem horas depois redesenhadas e reflorestadas quase da noite para o dia<sup>45</sup>. Habitadas por predadores, entre os quais, os lendários tigres nadadores e comedores de homens, os homens e mulheres que resistentemente fazem deste lugar a sua casa são, na sua maioria, deslocados refugiados da Partição de território subsequente à Independência do país, que terá sido desenhada, em linha violenta e apressada, por burocratas britânicos<sup>46</sup> de partida (para

---

<sup>44</sup> *Genius loci* (expressão de origem romana) é um conceito usado desde há muito no âmbito da arquitectura e filosofia da paisagem para designar “carácter de um lugar”. Sendo objecto de discussão filosófica, é indexado a umnexo de ideias que proliferam em interpretações (ver Thompson 2003). Aqui é usado pelo seu valor prático inclusivo, no sentido atribuído por Ian Thompson: «It can be regarded as an emergent property that in some way is related to the way in which places function socially, ecologically and aesthetically» (*ibid*: 69).

<sup>45</sup> Amithav Ghosh, antropólogo e novelista, imortalizou esta região e os seus habitantes no extraordinário livro *The Hungry Tide* em 2004.

<sup>46</sup> Cyril John Radcliffe (1899-1977) autor do *Boundary Awards*, não tinha qualquer experiência na administração da Índia. Como era usual, a administração britânica, confiante no seu racionalismo e profissionalismo administrativo sistemático e desinteressado, nomeou para esta tarefa um burocrata amador sem qualquer competência técnica para a função:

The whole structure of the Raj celebrated generalist control and continuity, not specialist expertise and innovation. (...) the amateur ideal was linked to the older idea of a man of leisure, with the time and ability to engage in a wide variety of pursuits that were unremunerative. The professional, by contrast, was a narrow specialist paid for his technical skills...! (Potter, David C. 1996. *India's Political Administrators. From ICS to IAS*. Delhi: 34, 74-75 in Chatterji 1999: 187).

Sem contemplanções sobre as contradições entre o real dinâmico e as representações estáticas ou a inépcia na reflexão das complexidades sociais pelo mapa gráfico, foi desenhada uma linha que dividiu aldeias pela metade, separou residências de locais de trabalho, obliterou comunidades residentes em ilhas de rios (cujo curso graficamente mapeado como uma linha terá sido usado como sobreponível à da fronteira), etc., com consequências violentas de deslocação de comunidades inteiras e conflitos locais conducentes a

uma análise detalhada sobre o processo de elaboração da fronteira e da partição do território bengali e suas consequências, ver: Chatterji 1999).

Portugueses, holandeses e franceses (e ainda outros europeus: arménios, dinamarqueses, prussianos ou gregos), embora atraídos pela sua condição portuária estratégica, terão considerado estas paragens demasiado agrestes e insalubres para aí se fixarem, tendo, por isso, subido um pouco mais acima no rio Ganges, aqui chamado de *Ganga* ou *Hoogli*<sup>47</sup>, estabelecendo os seus entrepostos comerciais mais a norte. Designadamente, os primeiros, em 1536-1537, na área do porto de Satgaon [saatgaão] (posteriormente denominada por estes portugueses como Ugolim<sup>48</sup>) e em Bandel; os holandeses ter-se-ão estabelecido em 1656 em Chinsurah [tchinsuroh]; e em 1673, os franceses terão iniciado a ocupação mais duradoura (até 1949) de Chandarnagar [chandornaagore]. Contudo, em 1690, o mercador britânico Job Charnock a soldo da English East Indian Company, apesar das características pantanosas do solo, dos lagos salgados, florestas povoadas de mosquitos e malária epidémica, ter-se-á decidido pela área mais a sul, entre Kolikata [kolikaataa], Sutanati [shutaanaati] e Govindpur [gobindopur], para lançar as fundações da cidade que se converteria na capital do *British Raj*.

Na Europa, e de um modo geral nas sociedades ocidentais sucedâneas da *polis* grega, os significados e representações do objecto cidade surgem intimamente associados ao conceito de esfera pública. A esfera pública da Grécia clássica é a esfera do comum (*koinon*) na vida política da *polis*. Na génese desta concepção, encontramos a ideia de um espaço público em que todos são iguais e todos são livres em expressar as suas opiniões, sublinhando a oposição entre a esfera daquilo que é comum aos cidadãos – a esfera pública da política – e aquilo que lhes é próprio (*idion*) ou do domínio da casa (*oikos*) – a esfera privada e da família (ver Arendt 1997).

---

roubos, assassinatos, motins e prisões, que ainda hoje – 60 anos depois – estão por resolver em absoluto (Chatterji 1999).

<sup>47</sup> *Hoogli*, *Hooghly*, *Hugli* – são versões gráficas frequentes usadas para o nome que é dado aqui a este braço do rio Ganges.

<sup>48</sup> Ugolim é um termo que vulgarmente se entende ali como tendo sido uma corrupção portuguesa do nome do rio (Hoogli). No entanto, C. Chaudhuri contrapõe que «Although known in English as the Hoogly river, its Sanskrit name is Bhagirathi, and the Bengalis have always called it simply Ganga (the Ganges)» (Chaudhuri in Winchester & Winchester: 134); e em escritos portugueses da época, por exemplo, Duarte Barbosa (aprox. em 1510) utiliza o termo “Guenga” para designar o rio (Stanley [tans. & ed from a Spanish manuscript of 1524] 1866: 178) e Tomé Pires na *Suma Oriental* (1512-1515) usa os termos “ganJes” e “sadegam”, respectivamente para Ganga e Satgaon: «este Riço he o ganJes Dizem os bemgallas q̃ vem do çeõ/ Ho outro porto he sadegam comtra orixa he bom porto tem boa foz he boa cidade Riqua homde ha mujtos mercadores sera de dez mjll vizinhõs (...)» (Cortesão [trans. & ed] 1944: 379). O que obscurece quer a origem do termo Hoogli para o rio Ganga quer do termo Ugolim para Satgaon.



Na Europa do século XVI, o conceito do latim *publicus*, o que diz respeito a todos e que remete para tornar público (*publicare*), começa a afirmar-se pela pressuposição de um alargamento do espaço comum e a atribuição de um valor normativo àquilo que é acessível a todos. E já no decurso do século XVIII, esta configuração particular de público como espaço comunitário, aberto e de acesso universal, impõe-se definitivamente no universo capitalista-democrático ocidental configurando desde então o que se pode designar como uma naturalização hegemónica das representações de ordenação de espaço público, cidade e cultura urbana (sobre o público e a esfera pública ver: Sennett 1977; Habermas 1989; Augé 1994; Benko & Strohmayer 1997).

Sabemos no entanto que esta representação (ocidental) de espaço público é ilusória. Apesar de o espaço se apresentar sob uma forma abstracta, possui implicações concretas, sendo ele próprio estruturador dos fenómenos sociais e identidades, na medida em que materializa relações de poder, nomeadamente pelo óbvio condicionamento de acesso e definição de limites do que é espaço público e do que é espaço privado, de acordo com as identidades dos utilizadores. A imposição de um espaço adverso à diferença, à alteridade, transformado numa homogeneidade geométrico-cartesiana, constitui uma coerência falaciosa de uma espacialidade instrumentalizada por formas de regulação. Presente, aliás, desde a sua forma original na *polis* grega, em que uma larga parte da população era excluída da condição de paridade de cidadania e, por inerência, da qualidade de igual, da qualidade de indivíduo, designadamente todas as mulheres e toda a população enquadrada na categoria de escravos.

Dito de outro modo, é no campo da economia simbólica, no jogo metonímico entre a produção de símbolos e a produção do espaço, que se consolidam as estratégias para o desenvolvimento urbano, o que, em última análise, se reflecte no direito à ocupação do espaço, ou, nos termos propostos por Zukin (1995), na constituição de uma verdadeira cultura urbana, fruto da competição para experimentar e controlar imagens e espaços. Em termos globais, são os detentores do poder e da riqueza que definem habitualmente as formas e funções desejáveis dos espaços. Configuram e ocupam os espaços apetecíveis, dotando-os dos recursos, amenidades, conforto e estética dominantes, controlando a sua apropriação a vizinhos semelhantes, por exemplo, pela determinação dos custos de ocupação. Funções indesejáveis – como são o depósito de detritos, ou o manuseamento de doença e morte – podem ser remetidas, por meio de regulação

jurídica, para áreas demarcadas, periféricas ou fechadas e encobertas convenientemente ao seu olhar.

Por outro lado, temos ainda a considerar as noções higienistas e os valores morais associados à acção na esfera pública ocidental que obrigam ao decoro, à minimização da estimulação dos sentidos, do contacto físico e da exposição das funções do corpo. Nas “sociedades modernas”, as cidades impõem-se paradoxalmente como entidades reguladoras de comportamentos homogéneos – o comportamento cívico de decoro higienizado esperado por e para todos – ao mesmo tempo que a diferença de privilégios e desigualdades no acesso à experiência e apropriação dos espaços públicos é estritamente regulamentada e pressuposta a sua aceitação de forma mais ou menos pacífica.

Não obstante o seu carácter paradoxal e particular, esta concepção de cidade e espaço público é introduzida pela administração britânica na Índia colonial, e enfaticamente na criação da sua capital (Calcutá), mas absorvida apenas pelas elites indianas (sobretudo, masculinas) aspirantes aos sinais da modernidade oitocentista. Como em muitas outras sociedades colonizadas, a imposição positivista de concepções e valores estranhos, reguladores de comportamentos colectivos e configurações espaciais, revelaram-se condenadas ao fracasso e com resultados danosos, evidentes, mesmo a longo prazo.

Como relembra Habermas:

Concebemos a “esfera pública burguesa” como uma categoria típica de época; ela não pode ser retirada do inconfundível histórico do desenvolvimento dessa “sociedade burguesa” nascida no Outono da Idade Média europeia para, em seguida, ao generalizá-la num ideal-tipo, transferi-la a constelações formalmente iguais de situações históricas quaisquer (Habermas 1984: 9).

E de facto, esta noção de cidade e espaço público era desconhecida na Índia e, designadamente, também, em Bengala (para exploração deste tema em Kolkata ver: Kaviraj 1997; para outros contextos indianos ver: Chakrabarty 2002).

Até à sua introdução pelos europeus, a noção de público como espaço comunitário, aberto e de acesso universal, em que a existência é reduzida ao anonimato e recodificada em seguida na semântica dos privilégios de acesso individual, era estranha ao contexto cultural do universo social na Índia. Aqui, pelo contrário, a semântica da

existência social surge indissociável de unidades coesas de tamanho variável, que vão desde a família com alguns elementos até à comunidade religiosa que pode incluir milhões de indivíduos<sup>49</sup>. Estas unidades são dotadas de atributos sociais reconhecidos e representações identitárias distintivas ou inclusivas, mas nunca conotadas com o conceito de universal. No que se refere à cultura dominante do território bengali – bengali hindu, esta semântica traduz-se na ideia de *samaj*. Uma noção dinâmica que pode abranger variavelmente agregados de indivíduos, família nuclear, diferentes famílias, regiões, uniões de castas, *jatis*<sup>50</sup>, linhagens ou *atmiya sajan*:

[*atmiya sajan*] literally meant “one’s own people”. It implied not only blood relatives and individuals related by marriage, but also people related by living together in the same house, neighbourhood, village, or by being members of the same school class, by working in the same office, by taking instruction from the same guru, and by going to a pilgrimage together (Gupta 2006: 277).

Veja-se como são colocadas estas questões por uma jovem bengali, na contemporaneidade:

**S:** *Are you Bengali?*

**SB:** Yes, I am a Bengali.

(...)

I am a Banerjee, Banerjee is an anglicised version of Bandhopadhaya. Chattopadhaya is Chatterjee, Mukhopadhaya is Mukherjee, Gangopadhaya is Gangulee, Bhattacharya is Bhattacharjee<sup>51</sup>. So, these five are the *Kulin*

---

<sup>49</sup> Refiro-me à categoria de unidades sociais partilhada pela generalidade dos múltiplos universos geradores de cultura deste sub-continente – englobando por isso, para além do que vulgarmente se designa como hinduísmo, contextos como o budista, *sikh*, jainista, islâmico, comunidades tribais, etc. Porque esta é uma nação secular, desde há muito, de universos culturais e religiosos múltiplos, considero que a leitura do espaço social deve ser abrangente e inclusiva. Todavia, uma vez que a cultura dominante em Bengala é bengali hindu, e cuja influência e impregnação no universo social me parecem determinantes à (re)configuração das várias unidades sociais que integram o território, será nela que colocarei ênfase.

<sup>50</sup> *Jati* – termo usado habitualmente como correspondente a “casta”. Mas, mais uma vez, não é um termo indexado a uma noção estática, e o seu significado, para além das variações sofridas ao longo do tempo, é actualizado em diferentes momentos pelos seus utilizadores. Recorrendo a Gupta: «*Jati* was a multifaceted term, which could variously mean species, tribe, race, caste and nation. By the 1850s, *jati* had become admittedly multi-functional» (Gupta 2006: 276). Ainda ao longo do séc. XIX, vários intelectuais bengalis terão envidado esforços na clarificação do conceito, argumentando por exemplo a distinção entre *jati* e *sampraday*: «*jati* approximated caste, while *sampraday* referred to groups divided according to economic, cultural, educational and occupational criteria. *Sampraday* could also mean religious community and sect» (*ibid*: 287). E, por exemplo, de acordo com a historiadora Romila Thapar: «*jati* (literally meaning ‘birth’)» (Thapar 1971: 412).

<sup>51</sup> Pela não existência de uma regra consensual de transliteração, outras versões escritas destes nomes são frequentes, como “Banerji”, “Chatterji”, “Ganguly”, etc.

*Brahmins*, they are the top class Brahmins. And then, there are many types of other Brahmins of Bengal.

**S:** *What does it mean to be a Bengali, exactly? Is it a person who speaks the Bengali language? Bangladeshis speak Bengali...*

**SB:** People from Bengal, who speaks the language Bengali. Bangladeshis are different...because they are from a different country...most of them have another religion. And also, their Bengali is *Bangaali*. And they are also *Bangaal*<sup>52</sup>. (...) They speak *Bangaal bhaashaa* (*bhaashaa* means language)<sup>53</sup>. The speech is different, words are different. The Bengali that I speak at home is more of West Bengal. The Bengali that my mother and grandmother speak is the Bengali of Bangladesh.

**S:** *So, what do you mean by Bengali?*

**SB:** West Bengal, India.

**S:** *People from Darjeeling, West Bengal: are they Bengalis?*

**SB:** They are not Bengalis, they don't speak Bengali; they are Hill people, Hill folk. Bengalis are people...first of all, whose mother tongue is Bengali; they are people who live in Bengal and people who live all over the world who have their mother tongue as Bengali. There are many people here in Kolkata who have come from other cities but...over the years, they have become Bengalis in the sense that ...they still retain probably their *Singh* or *Malhotra*<sup>54</sup> (Uttar Pradesh and Maharashtra, something like that; *Singh* is Punjab)...But they have been here for so long, for many generations, that now they speak Bengali at home. So, they have become Bengalis.  
(...)

**S:** *Is it important to be a Hindu for being considered a Bengali?*

**SB:** Yes, you have to be Hindu...well, you can be a Bengali Muslim, Christian, but...yes, still Bengali...

**S:** *Who is a foreigner?*

**SB:** Foreigner (*Bideshi* or *Firangi*) is definitely non Indian.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> *Bangal* [Bangaal] – Designação pejorativa para os bengalis com origem/ascendência em Bengala oriental (agora, Bangladesh). O termo reverso aplicado aos bengalis com origem/ascendência em Bengala ocidental é *Ghati* [ghoti].

<sup>53</sup> *Bhaashaa*, *Bhasha* – mantém a forma do termo sânscrito para “língua”; *Desh* deriva do termo sânscrito “*desha*” – significando território. O termo Bangladesh resulta da combinação das duas palavras significando literalmente “território dos falantes de bangla”. É interessante que [SB] proceda ao reforço da identidade “estrangeira” destes *bangal* pela ênfase das diferenças no uso de uma língua que efectivamente partilham (que é a mesma), uma vez que na literatura sânscrita pré-moderna, a indexação de “estrangeiro” (*o outro*, não necessariamente não autóctone) era feita, frequentemente, com o termo *mleccha* – “aquele que fala uma língua incompreensível ou não fala correctamente a língua sânscrito” (ver Thapar 1971). E por outro lado, quando refere que: “The Bengali that my mother and grandmother speak is the Bengali of Bangladesh”, volta a reintroduzir este “outro” - que usa a sua língua de um modo diferente - na sua casa, na sua família, na sua unidade social de pertença.

<sup>54</sup> *Singh* e *Malhotra* – Nomes que habitualmente indexam a unidade social de pertença da pessoa à varna *kshatriya* do norte da Índia. *Singh* (derivativo de *sinha* – leão) é ainda usado como indexante de *sikh* e Punjab (o estado indiano que concentra a maioria da população *sikh*).

<sup>55</sup> Conversa com [SB], Kolkata, 9-01-2005.

As várias unidades sociais de pertença em que esta jovem de 24 anos, licenciada em Economia e mestre em Direitos Humanos, se inclui e diferencia identitariamente, são de tamanho variável, mas todas passam pela afirmação de pertença a uma unidade colectiva de atributos socialmente reconhecidos e que a excluem de outras. Indiana; bengali; hindu; mulher; jovem; solteira. A sua *jati* (no sentido de casta) é *brahmin*; e a sua *gotra* («The *gōtra* is a clan-like larger exogamous social group that may cut across caste, and is inclusive of all ancestors and related agnatic lineages claiming descent from a mythical ancestor-sage» [Samanta 1994: 789]) é *kulin brahmin Bandhopadhaya*, incluindo-se assim no sistema *kulin*, de tipo clânico, existente entre as *jati* das varnas de mais elevado estatuto em West Bengal, designadamente entre *brahmins*, *kayasthas* e *baidyas*<sup>56</sup>. Esta existência não é, em momento algum, reduzida ao anonimato e recodificada na semântica de privilégios de acesso individual. Enquanto no universo social da Índia, a sua pertença identitária não só condiciona de formas múltiplas e absolutas o acesso ao espaço inter-comunitário e intra-comunitário, como se multiplica em dimensões políticas, religiosas, seculares e de contingência espacio-temporal.

Em directa correlação com esta semântica das unidades sociais encontram-se os termos bengalis *Ghare/Baire*, que abrangem uma realidade bem distinta dos ocidentais Privado/Público. *Ghare* [ghor] – a casa, o que é meu e me diz respeito por oposição não ao público que diz respeito a todos mas ao *Baire* – fora da minha casa, o que não me diz respeito (Kaviraj 1997).

---

<sup>56</sup> Tradicionalmente, a origem do sistema *Kulin* em Bengala é atribuída à Dinastia Sena no séc. XI–XII d.C. De acordo com Swarupa Gupta: «The word ‘Kulin’ was taken from *kula* meaning family, and Kulin denoted a man of pure lineage. Kulins were orders of nobility introduced by Ballal Sen. The object of Kulinism was to maintain the purity of different families by dividing them into endogamous groups» (Gupta 2006: 291). Assim de entre as *jati brahmin*, *kayastha* e *baidya* existentes, algumas famílias foram elevadas a um estatuto superior aos restantes – o estatuto *kulin*, assegurando a sua posição através da observação de determinadas normas (com especial relevância para a observação do casamento intra *kulin* para as mulheres) e a preservação (oral ou escrita – por cronistas/arquivistas designados como *kulacharyas* ou *ghatakas*) dos registos da sua história genealógica, conhecidos como *kulagranthas*, *kulapanjikas* ou *kulaji* (Chatterjee 2005). Para mais sobre o Sistema *Kulin* em Bengala, ver por exemplo: Inden 1976; Inden & Nicholas 1977; Raychaudhuri & Raychaudhuri 1981; Raychaudhuri 2000; Chatterjee 2005). Para mais sobre a composição hierárquica tradicional do sistema de *varna* e *jati* em Bengala, ver Sanyal 1971.



Fotografia 04<sup>T23</sup>

**Dentro de las características que tiene esta ciudad, una de ellas es que en la misma calle, las gentes viven con una naturalidad, ahí hacen su vida normal y tienen su zona limpia, se cuidan de limpiar su parte en su calle, como normalmente se cuida una casa. Muy cerca de mi hotel (turista basco, una semana e meia de estadia<sup>T23</sup>).**

Como faz notar este turista basco, a quem acompanhei em visita à cidade com a sua esposa durante dois dias, em Março de 2007, mesmo para os mais desfavorecidos que vivem nos pavimentos e, neste caso, sem qualquer isolamento físico de resguardo à privacidade das actividades e funções corporais do domínio do doméstico, a demarcação *Ghare/Baaire* é notável. O seu espaço doméstico – *a casa, o que é seu e lhe diz respeito* – não é fechado, não possui barreiras físicas de descontinuidade com o exterior; encontra-se ostensivamente exposto ao olhar de todos. Apropriando-se de uma fracção de um espaço configurado para uso comum do domínio da acção na esfera pública – circulação de pedestres – a demarcação que é feita do *baaire*, a ser respeitada como delimitação do acesso comunitário, de significado reconhecível para os residentes (e que excepcionalmente não escapou a este turista), é definida pela responsabilização na limpeza do que demarcou temporariamente como seu.

O mesmo acontece com os espaços de venda e prestação de serviços temporários na rua e nos passeios, que acumulam muitas vezes o propósito de abrigo para dormida, e que são escrupulosamente limpos pelos próprios, sendo os detritos varridos para a linha dos limites definidos como o seu *ghare*. Note-se ainda que a palavra bengali para lixo é *albal* [aalbaal], significando *al*: linha de demarcação entre dois terrenos, não existindo termo para um recipiente específico de colocação de lixo (para isso terá sido

incorporado o estrangeiro “litter bin” da língua inglesa). Para esse propósito existe, antes, um *mailaa* [moilaa] – *espaço de despejo de detritos (sujo)* – aplicado ao local para esse efeito no exterior do *ghare* e alargado, na actualidade, ao balde, recipiente ou “litter bin” que possa existir dentro da casa.



**Fotografia 05** Fernando Sousa, Assist. na investigação

Assim, o resultado da acção na esfera pública bengali reflecte, na contemporaneidade, uma fusão da introdução contraditória da noção de comportamento cívico de decoro higienizado ocidental, interiorizada por alguns membros das classes média e média alta, com a concepção transversal a toda a sociedade bengali de que o que se passa fora da minha casa, da minha unidade social, não me é imputável:

**SB:** Accountability is very low among Bengalis, I think, in the sense that, I'm not accountable for what is happening outside my home. That is the dominant feeling. *Bara bari* – too much (she is a snob), you don't want to be that! (...) Like common property resources: since it belongs to everybody, there is a “free of charge” problem.

**S:** *Ok, so for example, in these big buildings and traditional Bengali mansions belonging to extended families, one couple lives on one floor, another on another floor, and the building needs to be maintained and cleaned. And this is common property as well...they have to participate and get to a consensus...*

**SB:** Yes, because that is their building. Once they go out they pass the responsibility to the municipality, to the government ...I am absolved of all blame! I will throw it here and the government will come and pick it up. But

when it comes to my house, to my building, people will come there visiting and if they will see it dirty, my status is lower. Never mind if just outside my building there is a big dump...but that has reduced over the years. But what I'm saying is that the status symbol has a lot to play with it. I will clean the stairs of my building because I know people will come visiting, but, I'm not answerable for the garbage that is just outside my house, because anyone else could come and throw it there.

**S:** So, is it okay if you clean it in your place and put it outside the gate?

**SB:** Exactly. Outside the gate it is government property, it's not mine.<sup>57</sup>

A exacerbar a ambiguidade do simbolismo espacial provocada pela introdução de noções desconhecidas, deve ser considerado, ainda, o modo como esta foi levada a cabo pela administração colonial britânica. Nas cidades europeias dessa época de emergente modernidade, os espaços públicos abriram-se às classes urbanas menos favorecidas acolhendo a participação popular nos processos de inversão da autoridade aristocrática. Na cidade colonial, pelo contrário, os amplos espaços “públicos” da cidade central - *White Town* ou *White City*, como é, ainda hoje, conhecida - foram concebidos como espaços de acesso restrito à classe dominante “branca”<sup>58</sup>, o que dificilmente poderia ser imposto e apropriado como arena de representação do universo social bengali. Como um plágio da imagem da metrópole europeia, a elite britânica edificou a sua cidade setecentista em redor do grande espaço verde - *Maidan*<sup>59</sup>, com o seu reservatório de água, ruas largas, belos edifícios administrativos, residências palacianas, jardins, clubes e todas as comodidades para acomodação e usufruto de funcionários e de homens de negócios da elite “branca” (ingleses, escoceses, ...): a sua segregada *City of Palaces* (cuja topografia pode ser observada em detalhe pelas reconstruções de J. P. Losty publicadas em conexão com a exibição da British Library, sob o mesmo título, em 1990).

British imperialism was more pragmatic than that of other colonial powers. Its motivation was economic, not evangelical. There was none of the dedicated Christian fanaticism which the Portuguese and Spanish demonstrated in Latin America and less enthusiasm for cultural diffusion

---

<sup>57</sup> Conversa com [SB], Kolkata, 9-01-2005.

<sup>58</sup> Sobre a categorização de “white” e classe dominante “branca” na Índia colonial e designadamente em Calcutá, ver Buettner 2005 e Marshall 2000.

<sup>59</sup> *Maidan* [moidaan] – palavra bengali para amplo espaço aberto e que é, ainda hoje, o nome do imenso parque verde no centro de Kolkata.



than the French (or the Americans) showed in their colonies. For this reason they westernized India only to a limited degree (Maddison 1971: Ch 3, 1).

Ainda assim, grande parte das concepções e comportamentos normativos desta narrativa colonizadora conseguiu ser introduzida nas elites emergentes de classes média e alta bengalis, atraídas pela ideia de progresso e modernidade das sociedades europeias. P. J. Marshall argumenta que essa difusão terá sido, de facto, mais accidental do que planeada e inadvertidamente sustentada, justamente, pelas estratégias segregacionistas da administração britânica, que empenhada numa “auto-suficiência cultural” «(...) and insistence on maintaining British norms to the fullest extent inadvertently provided a very rich feast for Indians curious about the west» (Marshall 2000: 309). Acrescentando que:

Any attempts made by the East India Company to propagate western knowledge, through educational grants after 1813, the founding of colleges or official encouragement of the use of English, probably had less practical effect than the largely accidental diffusion of western culture by the British elite of the white town of Calcutta. The whites of Calcutta lavished money and effort on creating for themselves the amenities of what they regarded as civilized British urban life on a scale that left abundant pickings for Indians who were minded to take advantage of their prodigality. A significant number of Indians were so minded (*ibid*: 308).

Devo referir aqui que a opção que faço pela utilização do conceito de classe (à semelhança de muitos autores indianos) se deve ao facto de, a partir desta altura, ocorrer no universo social em Bengala, uma notória mobilidade vertical em função do poder económico e rede de relações estabelecidas com a administração colonial, autonomizada relativamente ao “sistema de castas”:

It was thus that the washerman Ratan became Ratan Sarkar, a member of the Bengali elite of eighteenth century Calcutta. Jayram Tagore, ancestor of the famous Tagore family, was looked down upon as a “Peerali brahman” (or a brahman who had transgressed the traditional norms of the caste because of contamination by a Muslim) according to the conventional brahmanical standards. But once his son Darpanarayan established himself

as a dewan to the then acting Governor-General Mr Wheeler, the position of the Tagores in Calcutta society became indisputable (Banerjee 1998: 24-25).

In late nineteenth-century Bengal property/wealth could be acquired by taking up professions. These became more relevant than traditional caste status, although familial heritage and high birth were still significant social markers. S.N. Mukherjee<sup>60</sup> has shown that the word “*abhijat*” originally meaning highborn, or of aristocratic lineage, now even referred to “new zamindars”, traders, people of low castes who had amassed wealth, weavers (the Basaks of Calcutta) and the Baniks (goldsmiths). The latter belonged to the lower rungs of the caste hierarchy but were considered *abhijat*, and known by the generic term *bhadralok* (Gupta 2006: 294).

À época (e, ainda, na actualidade), vulgarmente designados por *babus* ou *bhadraloks*<sup>61</sup> (*bhadramahila* para feminino), esta classe de subsidiários da língua, modos, doutrinas e vantagens financeiras da administração britânica, conquanto tenham adquirido um elevado estatuto económico-social, sumptuosos modos de vida e respeitabilidade respectiva – internacionalizados, mesmo, como *Bengali Intelligentsia* –, terão sido igualmente convertidos, desde logo e persistentemente, em alvo de censura e ridículo a partir de todos os sectores da sociedade indiana local. Como expresso na tradição da poesia satírica bengali da época, cantada nas ruas pela voz de humoristas urbanos dos sectores pobres e menos respeitáveis da população local ou *chhotolok*<sup>62</sup>:

---

<sup>60</sup> Conforme à referência em Gupta 2006: S.N. Mukherjee, «The Bhadrals of Bengal», in Dipankar Gupta (ed), *Social Stratification* (Delhi, 1991), p. 181.

<sup>61</sup> *Bhadralok* - significa literalmente “pessoa (ou classe de pessoas) civilizada”. Sendo um termo criado no universo socio-histórico bengali durante o período colonial britânico, continua a ser utilizado nos discursos populares para conotar pessoa respeitável, com elevado nível de literacia, enquadrada pelo estatuto sócio-económico de classe média ou média alta bengali. Sobre os seus vários usos no contexto sociológico, ver Prasad 2006: 260-261.

<sup>62</sup> *Chhotolok* – termo usado por Sumanta Banerjee em *The Parlour and the Streets: Elite and Popular Culture in Nineteenth Century Calcutta* (1998) para designar as classes populares, menos respeitáveis, por oposição à classe *bhadralok*. *Chhotolok* significa literalmente “pessoa (ou classe) pequena”, que em português poderia traduzir-se pela expressão “arraia-miúda”. No meu entender, a escolha deste termo é definitivamente a adequada, traduzindo de modo assertivo a percepção dos *bhadralok* da divisão da sociedade bengali em dois sectores: o seu e um inferior que incluiria todos os outros. Pradip Sinha no seu livro *Calcutta: Essays in Urban History* (1993) usa o termo *itarlok*, “pessoa (ou classe) não civilizada”, mas pela sua ressonância com a expressão portuguesa que referi, subscrevo a escolha do termo *chhotolok* para designar as classes populares que servem (e são indispensáveis) à manutenção do estatuto social e da “respeitabilidade” dos sectores de classe média e média alta da sociedade bengali.

Belgāchhiār bāgāne hoy chhuri-kāntār jhanjhani,  
Khānā khāoār kato majā,  
Āmrā tār ki jāni?  
Jāne Thākur Company.<sup>63</sup>

(Knives and forks are clanking in the Belgachhia garden house;  
what fun with all that food around!  
But what do we know of it?  
It's all an affair of Tagore Company.);

Ou como versado por Bankimchandra Chattopadhyay (1838-1894), ilustre *bhadralok*, em auto-censura:

I shall renounce my mother tongue to speak your language; abjure my  
ancestral religion and adopt the Brahma faith; instead of writing babu use  
Mr as a prefix to my name, be pleased with me.

I have given up meals of rice, and taken up eating bread: I do not feel  
properly fed until I have partaken of some forbidden meat [beef]; I make  
it a point to take chicken for snacks; therefore, O Englishman, please keep  
me at your feet.<sup>64</sup>

Significativamente (e talvez como inevitável consequência), será também este grupo, depositário das ideias importadas da “esfera pública burguesa” ocidental, que na procura dos processos de identidade nacional e democracia tocquevilleana, a par de enérgica e persistente auto-censura e pressões oriundas de todos os quadrantes sociais, mais tarde liderará a expulsão da administração britânica e o ressurgimento dos valores e comportamentos representados como marcas identitárias bengalis mais tradicionais - nas regras de etiqueta social, de comensalismo, vestuário, forma da unidade familiar,

---

<sup>63</sup> «Pitrismriti» de Soudamini Devi. *Prabāsi*. Calcutta, 1319 B.S. (Calendário Bengali). Citado em Banerjee 1998: 87. Mantenho, aqui, os sinais diacríticos utilizados por Sumanta Banerjee na transliteração do bengali tal como a sua tradução para inglês. Note-se que dada à circunstância de ser a língua inglesa, o habitual mediador transcritor e de transliteração do bengali para o alfabeto latino, existe um constrangimento de expressão gráfica pela limitação de correspondência fonética desta língua. Nomeadamente, ao nível dos fonemas abertos e nasalados (que não constituem qualquer problema, por exemplo, na língua portuguesa) e ao nível dos fonemas palatais (muito frequentes, na língua bengali e quase ausentes nas línguas latinas). Assim, em presença de *ā* deve entender-se o mesmo que *aa* correspondendo à vogal aberta que em português seria expressa graficamente por *á*. A minha opção de utilizar o *aa* noutros lugares, deve-se ao facto de ser a forma mais utilizada pelos falantes de línguas indianas que encontrei no terreno, tratando-se, muitas vezes, de transcrições literais da informação escrita facultada pelos informantes. Não existe, portanto, uma regra de transliteração consensual entre os próprios emissores e, em reflexo dessa experiência, não será encontrada uma opção única e consistente de transliteração ao longo do texto. Não obstante, para permitir uma aproximação mais fiel à riqueza fonética deste universo linguístico, procurarei recorrer à minha própria experiência de vocalização da língua na identificação de possíveis correspondências mais problemáticas, reforçando-a para esses termos entre [ ].

<sup>64</sup> Excerto de *Ingrajstrota* (Hymn to the Englishman) citado em Kaviraj 2000: 390. *ingraj* – inglês; *strota* – forma estilística de tradição hindu para cântico em rima oferecido a uma divindade.

relacionamento de gênero e gerações, culto religioso, etc. Notavelmente, nesse processo de procura de reconstrução identitária, argumenta o autor Swarupa Gupta, muito do esforço dos *literati* de Bengala dos anos de 1800 é colocado na revitalização e reinterpretção das concepções vernaculares de existência social, pela amplificação do seu distanciamento relativamente às concepções introduzidas pelos europeus:

A tension, however, remained between the individual and the *samaj*, which came to the fore especially in the 1820s and 1830s due to the new message of Rammohun Ray's Brahma faith, the spread of western education, and John Stuart Mill's liberalism. Rachel Van M. Baumer has pointed out that during the first decades of the nineteenth century, in the *literati*'s reinterpretation of *dharma*, while moral social behaviour and individual responsibility remained strong and personal, individual action and sense of social involvement underwent a change. Men were obligated to act toward other men in a way they themselves wished to be treated. They were to respond to other men's needs with compassion and sympathy. These changes fed into the *literati*'s re-evaluation of the relationship between the individual and the *samaj*. There were simultaneous attempts to prioritise the *samaj* over the individual, as well as harmonise them (Gupta 2006: 277-8).

A cidade oitocentista desta classe média alta indiana (quase exclusivamente bengali, hindu): de *zamindars*<sup>65</sup>, *banians*<sup>66</sup>, *dewans*<sup>67</sup>, comerciantes, mercadores e funcionários imperiais, ostentando grandes mansões e aspiração aos modos de vida da cidade central, emergiu então em forma de anéis concêntricos (embora mais concentrada a norte, como é ainda visível hoje)<sup>68</sup>, na área adjacente à *White Town*, todavia separada da primeira pelos bairros dos europeus “menos brancos” como os arménios e os portugueses. E ao

---

<sup>65</sup> *Zamindar* [djaamindaar] – grande proprietário.

<sup>66</sup> *Banian* – mediador/intermediário indiano de comerciantes britânicos.

<sup>67</sup> *Dewan* [deevaana] – intermediário/intérprete/assistente indiano da administração judicial e fiscal de grandes proprietários britânicos e outros europeus.

<sup>68</sup> De acordo com Martin Beattie:

In 1793, Lord Cornwallis introduced a legislative instrument called 'Permanent Settlement', which attributed land ownership *de facto* to the landlords, or *zamindars*. It was this class of *zamindars* who, in the late eighteenth and early nineteenth centuries, began settling in the northern part of Kolkata and Barabazaar to work as agents, or *banians*, for the East India Company (Beattie 2003: 155-156).

seu redor e intersticialmente, instalou-se a cidade de *bustees* ou *slums*<sup>69</sup> com a primeira vaga de imigrantes pobres acolhida pela capital, que terá vindo preencher as necessidades de serviços domésticos exigido pelo modo de vida sumptuoso dos primeiros (Kaviraj 1997).

Bardhan Roy (1994) argumenta que os serviços domésticos<sup>70</sup> eram requisitados desde madrugada até à noite, razão pela qual os serventes procuravam instalar-se a curtas distâncias das casas dos seus senhores. Considero, no entanto, que para além desta exigência de disponibilidade total e contínua para servir os seus faustosos amos (europeus e *babus*) há ainda a considerar os baixos rendimentos auferidos. Por volta de 1820:

The highest paid appeared to be the khansamah<sup>71</sup> working in some English household or a Bengali rich man's house, getting Rs 8 a month, or 6d. a day. The lowest paid was the coolie<sup>72</sup> or day labourer who would earn Rs 4 per month, or 3d. a day. The earnings of sweepers<sup>73</sup>, gardeners and water carriers varied from Rs 4 to Rs 5 per month. None of the domestic servants received any food (Banerjee 1998: 62).

O que não permitiria aspirar a melhores alojamentos do que os proporcionados em regime de serviçal interno ou nas proximidades em «tiled hut or mud 'baree'<sup>74</sup> that in the mofussil would be occupied by a single family, is in Calcutta the constant home of some eight or ten households; while the sanitary precautions that would render such a state of things wholesome are altogether wanting»<sup>75</sup>, nos *bustees* erigidos pelos próprios

---

<sup>69</sup> *Slum* – é um termo de origem inglesa incorporada na língua bengali e que designa uma área habitacional urbana de condições degradadas; utilizado alternadamente com o termo bengali *bustee*, *basti* ou *busti* [baste], do qual falarei em detalhe mais à frente.

<sup>70</sup> Serviço prestado por adultos ou crianças considerados pelos britânicos na Índia como população “não-branca”: para além de indianos (independentemente da origem), era frequente a utilização de “indo-portugueses” (descendentes de relações entre homens portugueses e mulheres indianas) e escravos africanos. Ver, por exemplo: a biografia por Edwards-Stuart (1990) de Frances Johnson ou “Begum Johnson” (1728-1812) a partir de relatos da época; ou artigos como o de Ghosh (2005) ou Robb (2006).

<sup>71</sup> *Khansamah* [khansaamaa] – palavra derivada do persa *khansaman* para despenseiro (homem) que acumula funções de cozinheiro. Pelas suas funções, é um serviçal em regime interno.

<sup>72</sup> *Coolie* – carregador.

<sup>73</sup> *Sweeper* – termo inglês para varredor, mas que (ainda hoje) é aplicado ao serviçal que faz a limpeza de espaços exteriores e/ou apenas instalações sanitárias da casa, também designado pelo termo *jamadár*. Esta função implica um estado de poluição (religiosa e física), o que o impede de higienizar ou circular em outros espaços da casa. Por esta circunstância, é um serviçal em regime externo.

<sup>74</sup> *Baree* ou *Bari* – termo bengali para lar.

<sup>75</sup> *Census of Calcutta*, 1876. Citado em Banerjee 1998: 6.

em conformidade com os seus modos de vida rural, mas totalmente inadequados para este ambiente urbano, convertendo-se assim em *slums*.

Saliento mais uma vez que esta apropriação intersticial de espaço não se deveu à eficácia do plano de desenvolvimento estratégico implementado pela administração colonial na criação e desenvolvimento da cidade. Antes, deve ser entendido como uma contrariedade da resistência às suas estratégias segregacionistas, evidentes pela frequência de directivas emanadas do Fort William para banir a entrada de “nativos” na *White Town* para além das conveniências do seu uso como serviçais:

It having been represented to the most Noble Governor of Fort William that considerable inconvenience is experienced by the European part of the community who resort to the road from the crowds of Native workmen and Coolies who make a thoroughfare of the Walk. His Lordship is pleased to direct that Natives shall not in future be allowed to pass the Sluice Bridge...between the hours of 5 and 8 in the morning and 5 and 8 in the evening... – By Order of the Most Noble the Governor of Fort William.

C. T. Higgins, Offg Town Major, 7 July 1821 (*in* Banerjee 1998: 212).

De passado colonial, o desenvolvimento urbano de Kolkata reflecte penosamente o resultado da sua criação para esse propósito. Escolhida pelo império britânico, pela sua localização portuária estratégica, partilha com outras cidades coloniais a mesma história de propósitos de extracção; e assim sendo, utilizada como entreposto comercial e de processamento, as estratégias de desenvolvimento implementadas pela administração privilegiaram os seus interesses na metrópole europeia em detrimento do desenvolvimento local e regional, minimizando ao máximo o capital aí investido. Afirma o economista Angus Maddison (1971), já citado anteriormente, na sua história económica da Índia:

As the civil service was ultimately subject to the control of the British parliament, and the British community in India was subject to close mutual surveillance, the administration was virtually incorruptible. (...) The higher ranks of the administration remained almost entirely British until the 1920s (...) The Utilitarians deliberately used India to try out experiments and ideas (e.g. competitive entry for the civil service) which they would have liked to apply in England. The Utilitarians were strong supporters of *laissez-faire*

and abhorred any kind of state interference to promote economic development. Thus they tended to rely on market forces to deal with famine problems, they did nothing to stimulate agriculture or protect industry. This laissez-faire tradition was more deeply embedded in the Indian civil service than in the UK itself, and persisted very strongly until the late 1920s. The administration was efficient and incorruptible, but the state apparatus was of a watchdog character with few development ambitions (Maddison 1971: Ch 3, 3-4).

Não obstante a convicção deste autor na defesa da eficiência das estratégias e da incorruptibilidade da administração britânica no país, são inúmeros os relatos, inclusivamente com origem no seio da própria comunidade colonizadora, que atestam o seu modo de vida escandalosamente luxuoso e corrupto, marcado por uma estratégia administrativa de negação da distribuição de riqueza pela maioria da população e desinvestimento contributivo no melhoramento das condições de vida na cidade. Mesmo ao nível do espaço público da *White Town*.

James Hickey, que em 1780 fundou o primeiro jornal inglês na cidade, nas suas colunas do *Bengal Gazette*, expôs a corrupção entre os funcionários da East Indian Company, incluindo a de ilustres personagens históricas proeminentes como Warren Hastings (para mais, ver Banerjee 1998). Numa das suas sátiras:

*Q.* What is commerce?

*A.* Gambling.

*Q.* What is the most cardinal virtue?

*A.* Riches...<sup>76</sup>

Na mesma altura (Abril de 1780), escreve um correspondente para o mesmo jornal sobre as condições das infra-estruturas públicas sanitárias, em particular, do grande reservatório de água da cidade “branca”, *Lal Dighi*:

As I was jogging along in my palanquin yesterday, I could not avoid observing without a kind of secret concern for the health of several of my tender and delicate friends, a string of pariah dogs, without an ounce of hair

---

<sup>76</sup> Citado de Krishna Deb, Raja 1977. *The Early History and Growth of Calcutta* (in Banerjee 1998: 26).

in some of them, and in the last stage of the mange, plunge in and refresh themselves very comfortably in the great tank.<sup>77</sup>

E um outro, um pouco mais indignado:

Would you believe it, that in the very centre of the opulent city (...) there is a spot of ground measuring not more than 600 square yards, used as public burying ground by the Portuguese inhabitants, where there are annually interred upon a medium not less than 400 dead bodies; that these bodies are generally buried without coffins, and in graves (...) as not to admit of their being covered with much more than a foot and half of earth, in so much that, after a heavy fall of rain, some parts of them have been known to appear above ground; (...) Moreover the quantity of matter (...) can scarcely fail to impart to the water in the adjacent wells and tanks a morbid and noxious quality, laying by this means the foundation of various diseases among the poorer sort of people, who are obliged to drink from it; nor can those in more affluent circumstances, from the natural indolence and deception of servants, promise themselves absolute exemption from it.<sup>78</sup>

Quase meio século depois, já no séc. XIX, em seus diários de 1824 - editados por William Darlymple em *Begums, Thugs and White Mughals: The Journals of Fanny Parkes* – Fanny Parkes continua a descrever a extravagância e ostentação do modo de vida da sua comunidade na cidade:

*February 27th* – My husband put into one of the smaller lotteries in Calcutta, and won thirteen and a half tickets, each worth Rs 100: he sent them to his agents, with the exception of one, which he presented me. My ticket came up a prize of Rs 5000. The next day we bought a fine, high caste fiery Arab, whom we called Orelio, and a pair of grey Persian horses (*in* Winchester & Winchester 2004: 256).

*July 27th* – To a person fresh from England, the number of servants attending at table is remarkable. We had only a small party of eight to dinner yesterday, including ourselves; three-and-twenty servants were in

---

<sup>77</sup> Extraído de Edwards-Stuart, Ivory. 1990. *The Calcutta of Begum Johnson*. London, BACSA (*in* Winchester & Winchester 2004: 155).

<sup>78</sup> *ibid*: 156.



attendance! Each gentleman takes his own servant or servants, in number from one to six, and each lady her attendant or attendants, as it pleases her fancy (*in ibid*: 260).

E no que se refere ao investimento da iniciativa privada, recorro mais uma vez ao historiador britânico Peter James Marshall:

In the British town private houses were built on land leased from the Company as Zamindar of Calcutta. “Pottahs” were granted initially for thirty-one years with automatic renewal. A ground rent was paid to the Company. (...) Most rich British people no doubt ultimately hoped to repatriate their capital to Britain. Investment in housing for them was likely to be a short-term speculation unless they judged the return from rent to be so favourable that they were willing to leave funds in India. Evidence of the heavy involvement of rich members of the Indian community in the development of the white town is abundant. (...) Ownership of property in white Calcutta frequently occurs in a series of published extracts from inventories of the estates left by rich Indians. By the mid-nineteenth century most of the land in the white town was said to be owned by Indians. (Marshall 2000: 315-316).

No decorrer do século XIX, com o desenvolvimento industrial e implementação de projectos a grande escala em zonas limítrofes da cidade – de que são exemplos as grandes estações de comboio Howrah Station e Sealdah Station ou as docas portuárias de Kidderpore – esta capital absorve uma segunda vaga de imigrantes, que dando continuidade à mesma lógica de colonização do espaço adjacente ao local de trabalho para fins habitacionais, deu origem às novas áreas de *slums* da periferia urbana. Deste modo, ao longo do tempo, a estrutura sócio-espacial de anéis intersticiais concêntricos da cidade foi sendo replicada e expandida às áreas suburbanas.

The industrial labour force comprising migrant labours mostly looked for low cost shelter on shared basis as majority of them had their families left in their hometowns. A group of middlemen, called Thika Tenants were prompt in exploiting the situation. They took lease of chunks of land of various sizes at different locations from feudal lords and constructed thereupon low-rise high density housing stock with cheapest available materials. (...) The

slums in Kolkata have thus been characterized a three-tier ownership system, viz., (a) landowner, (b) hut owner (thika tenants) and (c) tenants or occupiers of huts. As the pace of industrialization proceeded the demand for such housing continued to rise and more and more thika tenants established slums in and around Kolkata. The lands selected for setting up slums were inferior in variety and as such the thika tenants got them at nominal rent. As the landowners did not have substantive interest in the land and the hut owners were after maximizing returns from the business, neither of the parties took any interest in providing a healthy living environment in the slum settlements.<sup>79</sup>



Fotografia 06<sup>R6</sup>

**This picture is a typical slum area. Slum means: the poor people homeless – they don't have a home and have taken shelter in no man's land or maybe government land and they have built a small sort of hut. They live maybe in one room, all the children and everybody. They are cooking and sleeping...of course they have got the toilet – nowadays, government are given the electricity power and the water connection so that they can have a better life. (...) Slum is the English word - they call it - for a group of makeshift houses, means: you have made the house yourselves without any planning or sanction. In Indian languages, they call it *bustee* ([TB] - residente, empresário <sup>R6</sup>).**

---

<sup>79</sup> Fonte: Jawaharlal Nehru National Urban Renewal Mission (JNNURM), Government of West Bengal. Ch I - «City Assessment: Analysis of the Existing Situation», 2007.

Ou seja, a configuração urbana da cidade imperial, embora contendo na sua génese um elemento segregador, resultou num curioso formato inclusivo em que, lado a lado, diferentes tecidos sociais e usos discordantes de espaços dominam até hoje os contornos da cidade. Como também argumentado por Paul Dimeo em «Colonial Bodies, Colonial Sport: ‘Martial’ Punjabis, ‘Effeminate’ Bengalis and the Development of Indian Football»: «resistance is never far removed from imposition and even the best-laid plans often go astray» (Dimeo 2002: 72); por meio de acções individuais e localizadas, a apropriação popular do espaço e a (re)contextualização do sistema de valores e regulação impostos ter-se-á materializado numa configuração de resistência colectiva, contrariando a supressão da expressão material da cultura subalterna<sup>80</sup> na configuração do espaço público desta cidade.

Although many of the houses in the new white town that had grown up south and west of Tank Square were owned by Indian investors, their occupants were exclusively European. Map-makers of the early nineteenth century confidently delineated the outlines of white and black town. The main Indian town, itself undergoing dramatic growth, was still located in northern Calcutta. Some racial intermixing did, however, take place to the north of Tank Square. European business premises in Lall Bazaar, Bow Bazaar and Dharamtollah merged into what Dr Pradip Sinha has called the “intermediate town”, inhabited by poor whites, Indian Christians and people of mixed race<sup>81</sup>. (...) In the 1770s a jaundiced British observer commented that: “. . . the natives were made to know that they might erect their chappor (thatched) huts in what part of the town they pleased . . . Every man permitted his own servants to erect straw huts against the outside of his house, but without digging holes, to prevent more disagreeable neighbours from occupying the spot.”<sup>82</sup> Nineteenth-century accounts describe the

---

<sup>80</sup> “Subalterno” é um termo popularizado na academia por Antonio Gramsci (1971) para designar grupos socialmente desfavorecidos pela hegemonia da classe dominante. O uso que faço do termo aproxima-se ao de Gramsci, contudo mantendo o seu sentido mais literal de: subordinado, categorizado como socialmente inferior. Ranajit Guha, historiador indiano em conjunto com outros académicos em que se incluem Shahid Amin, David Arnold, Partha Chatterjee, David Hardiman ou Gayendra Pandey, adaptaram também o termo na criação do campo de produção de saberes “Subaltern Studies”, em que é usado «as a name for the general attribute of subordination in South Asian society whether this is expressed in terms of class, caste, age, gender and office or in any other way» (Guha 1982: vii).

<sup>81</sup> Pradip Sinha. *Calcutta in Urban History*: 37-44. Conforme referências em Marshall 2000: 317-318.

<sup>82</sup> *Census of India, 1951*, VI, pt iii, 9. Conforme referências em Marshall 2000: 317-318.

proliferation of Indian huts in the interstices of the white town. (Marshall 2000: 317-318).

Devo sublinhar que após a Independência em 1947, a configuração física de Kolkata foi mais ou menos mantida, considerando o movimento de ocupação da cidade central pelos indianos das classes mais favorecidas. Significativamente, esta elite de ricos homens de negócios é também ela constituída por imigrantes, confirmando a marca de cultura de hospitalidade do meu argumento. Os prósperos *marwaris* (provenientes/com ascendência na região do antigo reino de Marwar, no estado de Rajasthan, e na sua maioria jainistas) colonizam áreas como Burrabazar<sup>83</sup> e Park Street, ocupando a lacuna dos espaços económicos empresariais, deixada em aberto pelos bengalis. Os bengalis da cidade continuam tendencialmente a dedicar-se a ocupações de carácter mais intelectual como actividades literárias e artísticas, ensino, direito, medicina ou investigação. Actividades que por serem menos frutíferas em termos económicos não conferem rendimentos suficientes para a manutenção das tradicionais mansões no centro da cidade (ver Dutta 2003).

**SB:** *Maru*<sup>84</sup> is Marwari. (...) This is what I have seen: Bengalis don't like Marwaris - That has a lot to do with the fact that the Marwaris are really enterprising people, Bengalis are not. They have a lot of money, Bengalis have not, they [Bengalis] are intellectuals, they do a lot of studying. So, you don't find Marwari professors, you find them at the helm of big, big companies. And Bengalis do not like that. The present situation is everybody saying that: "Do you find Bengalis in Kolkata? The Punjabis and the Marwaris are coming and taking over the state" - because they are setting out their businesses in here.

**S:** *But the Marwaris can say about the Bengalis "well, you do not like us because you don't like to do hard labour"...*

**SB:** yes, of course. This is a cultural aspect, in the sense that, Bengalis... they are very fond of rice. A normal Bengali household ... see, in nowadays many will have *chapatis*<sup>85</sup> in the night. But initially - before - they used to have rice in the morning, in the afternoon and rice in the night. If you have such a lot of rice, the carbohydrate intake is a lot. And in the afternoon you will feel very sleepy. This lethargy works on the enterprise of the Bengalis. This is a cultural aspect: someone [Bengali] is *Bheto*. [It] is a person that loves eating rice. *Bhaat* means rice in Bengali, in Hindi, in Assamese... from *bhaat* comes *bheto*. *Bheto* is a person that loves eating rice!

---

<sup>83</sup> *Burrabazar, Barabazar* [burrabadjaar]. *Bazar* – termo de origem árabe para mercado.

<sup>84</sup> *Maru* [maaru] – termo de conotação pejorativa para *marwari* [maarvaari].

<sup>85</sup> *Chapati* [tchaapaatee] – tipo de pão sem fermento (pão ázimo, de forma redonda e plana, muito leve e seco).

(...)

Well, a Bengali is normally an intellectual, lazy – Bengalis are lazy people – middle class, not very rich. You find rich Bengalis but, most of them, middle class...speaks Bengali...has this thing for rice. Before, if you see someone in a *dhoti* in Bengal, then, you could say that person is a Bengali, but not now. (*Dhoti* is a traditional way of wearing a dress: a big cloth, it has to be wrapped around your low parts of the body – it's very intricate)... but in other parts of India, the males also wear *dhoti*. So, Bengali: laziness, intellectual, middle class, rice...*Rabindra sangit*<sup>86</sup>! These are quintessentially Bengali things which identify as Bengali.<sup>87</sup>

Em resultado da Partição efectuada no processo de Independência do país, esta metrópole foi submetida a mais uma vaga de imigrantes, absorvendo, desta vez, uma verdadeira inundação populacional. Desde 1946 até 1970 (em 1971, o Bangladesh obtém a independência do Paquistão) contaram-se cerca de 4.284.000 refugiados em West Bengal provenientes da área do Paquistão Oriental (actual Bangladesh), com a previsível hiper-concentração na capital<sup>88</sup>. O influxo de refugiados continua até hoje, atingindo um número calculado em 5.4 milhões neste estado indiano. Largos números de refugiados colonizaram (e ainda ocupam) os espaços vagos disponíveis: terrenos abertos<sup>89</sup>, jardins, parques, passeios, linhas de comboio e estações, até às mais indesejáveis áreas de drenagem e esgoto aberto. Os esforços municipais e do governo estatal no sentido do seu realojamento nunca foram muito energéticos. Adicionadas a tolerância e a hospitalidade, é, ainda assim, de considerar o facto de estes colonatos de refugiados se concentrarem no sul de Kolkata, bastião da frente política de esquerda no poder há 30 anos, e por intrincados buracos na legislação e organização, os imigrantes de

---

<sup>86</sup> *Rabindra sangit* [Robindraa shongit] -

**SB:** *Rabindra sangit* – Rabindranath Tagore's songs. *Sangit* - the Hindi word for song, (...) the Bengali word for song, it is Sanskrit, as well. In Bengali, in most Bengali families (99%), the girl is taught how to sing Rabindranath's songs. I was also taught *Rabindra Sangit*. But, I'm not a good singer and I didn't even like it. All my other sisters also have been taught. I don't sing I am a failure! The good girls, they do sing.

<sup>87</sup> Conversa com [SB], Kolkata, 9-01-2005.

<sup>88</sup> Fonte: «Chronological Account of the Influx of Refugees from East Pakistan into West Bengal». Government of West Bengal, Refugee Rehabilitation Directorate. In Dasgupta *et al* 1991.

<sup>89</sup> Numa primeira fase, muitos dos refugiados provenientes de Bengala oriental, que ocuparam ilegalmente terrenos em áreas como Behala [biholaa], Tolligunge [taalligandge] ou Jadavpur [jaadaabpur] (sul da cidade), partilhavam o mesmo *background* cultural e financeiro da classe média de West Bengal. Os seus descendentes são considerados pelos Kolkatans como seus iguais. A designação imigrante é reservada apenas para os mais desfavorecidos que ocupam as áreas de *bustees* e pavimentos públicos.

Bangladesh compreenderem os requisitos necessários à cidadania indiana, possuindo cartão de eleitor e cartão de racionamento<sup>90</sup> (ver Dasgupta *et al* 1991).



**Fotografia 07** Fernando Sousa, Assist. na investigação

Em anos recentes, a engrossar as fileiras de imigrantes desfavorecidos, uma população sobretudo masculina, proveniente de outras áreas de West Bengal e de outros estados indianos, designadamente de Bihar e Uttar Pradesh, reclama agora à cidade os restantes espaços vagos disponíveis: os passeios para peões. Estes imigrantes, na sua maioria de origem rural, constituem mão-de-obra barata não especializada. Auferindo baixos rendimentos no sector informal da economia da cidade, colonizam os pavimentos públicos das áreas de demanda dos seus serviços:

**We are having quite a number of rickshaw pullers in our locality and most of localities in Kolkata. They don't have a house, they don't have a shelter but, these people, you know, somehow, they manage their shelter in the locality in one or other house. They work for the house and they are allowed in the *para*<sup>91</sup>. Police, nowadays, say "don't do this" but we get so much associated with them that we just can't think that they will do or make any harm. (...) if you cross the road, in every *para***

---

<sup>90</sup> As provas de cidadania Indiana são o Cartão Eleitoral e o Cartão de Racionamento. O primeiro é adquirido com a maioria e o segundo, após o nascimento. Incluindo nome, data de nascimento, filiação e morada, o Cartão de Racionamento para além de permitir adquirir arroz, açúcar e querosene nas lojas de racionamento, é essencial para comprovar a cidadania e auferir os direitos inerentes.

<sup>91</sup> *Para* [paaraa] – termo bengali para o espaço público que diz respeito à comunidade. Equivalente a bairro.

**there are one or two *rickshaw wallah*<sup>92</sup> like him, who help the people. You have seen a bookshop over here – a kiosk – everyday he brings down the books from the first floor and helps the person to carry the books back. (...) He is from Bihar. (...) every year, once, he goes. He collects the money before going and then he goes home. Sometimes, 5 or 4 years after, we see his wife, also, coming down over here. She stays, again, on the roads for two or three nights and then goes back ([AC] - residente, professora<sup>R12</sup>).**

Uma larga maioria destes prestadores de serviço manual, incluindo o serviço doméstico, são, como referi, imigrantes masculinos. E apesar de muitos se terem estabelecido aqui há gerações, habitualmente não são identificados nem se identificam como bengalis. Deixaram as suas aldeias e a sua família para ganhar a vida na cidade mas não quebram a ligação à terra, às suas origens e unidades sociais de pertença e o dinheiro ganho é para aí reencaminhado. Embora pareçam desprovidos de escolhas, para alguns foi uma opção dormirem na rua para aumentar as suas poupanças e os homens, pelo “prestígio” um pouco mais elevado e independência conferidos, preferem trabalhos *swadhin*<sup>93</sup> (independente) de prestação na rua em vez de *paradhin*<sup>94</sup> (dependente) – como o serviço doméstico, que seria garantia de um tecto (ver De Haan 1997).

#### **4.2.3 A Expressão Material da Cultura *Chhotolok*<sup>95</sup> na Configuração Socio-espacial da Cidade**

Chegando aqui, é necessário sublinhar a importante dimensão assumida pelo sector informal da economia de Kolkata na contemporaneidade, dada a expressão da sua contribuição para os usos e representações do espaço público que definem a paisagem da cidade. O serviço doméstico, omnipresente nas residências das classes média e alta, desempenha, desde há três séculos, um papel fundamental na cultura urbana.

---

<sup>92</sup> *Wallah* [vaallaa] – termo genérico para designar homem operário/quando em prestação de um serviço manual. Neste sentido possui uma conotação pejorativa, já que não é utilizado habitualmente para profissionais de trabalho qualificado ou intelectual. A expressão mais neutra em termos de conotação é *Kaajer lok* [kaadjer lok] – pessoa que trabalha.

<sup>93</sup> *Swadhin* [shvodeen].

<sup>94</sup> *Paradhin* [paaraadheen].

<sup>95</sup> *Chhotolok* – “pessoa (ou classe) pequena”. As razões da escolha deste termo tomado de Sumanta Banerjee (1998), já foram referidas anteriormente neste capítulo.

Habitualmente, mais do que dois por residência e adstritos a funções específicas e mutuamente exclusivas - cozinhar, limpar, higienizar as instalações sanitárias, jardinar, fazer a compra diária de comida e produtos de limpeza, acarretar água ou dirigir o automóvel - os serviçais continuam, ainda hoje, a auferir baixos rendimentos e a viver em proximidade estreita com os seus empregadores. Dentro das casas, em compartimentos nos terraços, nas áreas exteriores circundantes da casa, ou em *bustees* criados nas proximidades.

According to the Government of India 1991 Census, West Bengal has 8 percent of India's population and 20 percent of the total number of servants and, for example, Maharashtra has 9.5 percent of the population and 18 percent of the servants, and Uttar Pradesh 16.6 percent of the population and 4 percent of the servants (Qayum & Ray 2003).<sup>96</sup>

De acordo com o estudo de Qayum e Ray conduzido entre 1996 e 2001, 85% dos serviçais domésticos em Kolkata são originários das zonas rurais adjacentes à cidade. A modalidade mais desejada pelos empregadores, e ainda muito frequente, é a do serviço a tempo inteiro a uma família, em regime interno ou regressando a casa ao fim do dia; os mais velhos, e em número inferior, são habitualmente homens, chefes de família que servem há gerações a mesma casa. A segunda modalidade e, no presente, a que predomina (77%), é a dos empregados domésticos a tempo parcial, que prestam serviços de algumas horas por dia a várias famílias. Tradicionalmente e preferencialmente homens, em anos recentes terão sido gradualmente substituídos por um processo de inversão, sendo as mulheres que dominam agora o serviço doméstico neste tipo de regime. Muitos vivem em *bustees* próximos dos seus empregadores e outros em vilas na periferia urbana ou em localidades ainda mais distantes, recorrendo diariamente ao uso do comboio (Qayum & Ray 2003).

Ao longo dos três períodos de trabalho de campo na cidade, entre 2004 e 2007, em que procurei experimentar diferentes tipos de alojamento residencial, tive a oportunidade de observar de perto diferentes modalidades de prestação de serviço doméstico. Tanto em locação de apartamento como em regime de estadia em "Guest Houses", a ubiquidade

---

<sup>96</sup> O modo de organização dos dados a que tive acesso do Censo de 2001 (*Government of India 2001 Census*) não permite fazer uma análise comparativa desta situação para anos mais recentes.



de prestadores de serviço doméstico foi-me sempre apresentada como uma natural inclusão no alojamento disponibilizado e encargos associados à estadia.

Assim, durante a minha estadia numa mansão tradicional bengali<sup>97</sup> de quatro andares e terraço, com o último piso transformado em Guest House de 3 suites (quarto e casa de banho anexa), sala e cozinha, vocacionada para hóspedes estrangeiros, o serviço doméstico foi prestado por um *khansamah* bengali com cerca de 40 anos. Acumulando as funções de cozinhar, limpar a casa e mudar a roupa das camas, estava naturalmente excluída a função de higienizar as instalações sanitárias, pelo que essa função ficou ao nosso encargo. Em regime interno, este homem, casado e sem filhos, esporadicamente visitado pela sua mulher que mantinha a residência junto da restante família numa aldeia rural na Sunderban, possuía o seu alojamento num compartimento no terraço da casa. Este terraço era ainda partilhado também por outra serviçal em prestação de serviço aos residentes do piso inferior, alojada com a sua família, marido e uma filha de 8 anos, noutra compartimento.

Numa outra casa de três andares, em situação idêntica, coube-nos uma suite com acesso a uma pequena cozinha no vão da escada do mesmo piso e casa de banho anexa ao quarto com porta a abrir directamente para o terraço. O *khansamah* da família dos proprietários, que ocupava os dois pisos inferiores, apenas prestava o serviço de limpeza e mudança de roupas de cama, não entrando sequer nesta cozinha e, diariamente, um *jamadar* silencioso, residente no *bustee* contíguo às mansões do bairro, usava a porta do

---

<sup>97</sup> O tipo de casa a que me refiro não é o mesmo das ostensivas mansões palacianas bengalis dos séculos XVIII e XIX. Embora também consideradas pelos residentes como “mansões tradicionais bengalis”, estas são de construção mais moderna, do final da primeira metade e da segunda metade do séc. XX, menos ornamentadas, de dimensão significativamente mais pequena e sem o característico *takhur dhalan* (“casa dos deuses”) coberto e o grande pátio aberto interior (para o qual se orientam as varandas dos vários pisos), destinado a eventos, festas e festivais religiosos de participação à família alargada e convidados (sobre estas casas e para uma discussão da “tradicionalidade” e da influência europeia da sua arquitectura, ver Beattie 2003). Devo salientar que esta perda do espaço permanente para a condução de actividades festivas religiosas, de acesso restrito à família e convidados (característico das grandes mansões abastadas dos séculos anteriores), reflecte também a mudança ocorrida em termos de democratização da acessibilidade a este tipo de eventos e a consolidação da celebração dos *puja* (cerimónias de culto religioso) comunitários na cidade. Na actualidade, em substituição dos *takhur dalan* (embora ainda persistam alguns), são construídos os *pandal* – templos temporários para abrigar as divindades (as suas representações esculpidas) durante o decorrer das festividades e a condução dos *puja* em sua homenagem. Instalados no espaço público comunitário (ruas, praças, áreas abertas da *para*), permitem, assim, a sua visita (do espaço e das divindades) sob a insígnia de *baroari* ou *sarbajanin* (“para todos”). Em Kolkata, estas estruturas exuberantes - particularmente magníficas e atingindo as dezenas de milhar no âmbito do grande *puja* - o *Durga Puja* - são habitualmente concebidas por artistas contratados pela comunidade, com ampla liberdade criativa, recorrendo a materiais que abrangem desde os tradicionais bambu, panos e flores até instalações de material reciclado, materiais industriais, complexas iluminações decorativas, esculturas, pinturas, etc.

terraço para entrar e sair na casa de banho que deixava escrupulosamente limpa, sem passar pelo quarto.

Aquando da minha estadia mais longa (7 meses) tive ainda a oportunidade de permanecer num apartamento arrendado, mais uma vez, numa destas mansões ao estilo das classes média e alta bengali da cidade. O último piso do edifício de quatro andares, de acesso independente, compreendia um quarto, duas salas, uma *veranda*<sup>98</sup> fechada, uma casa de banho, uma cozinha e dois terraços. Os proprietários da mansão (a residirem no segundo piso) tinham já tratado de prover os serviços para nosso serviço: para a limpeza da casa de banho e terraços, foi contratado um jovem *jamadar* bihari (imigrante do estado de Bihar), três dias por semana, pago mensalmente com 500 rupias, com residência num *bustee* das proximidades; para a limpeza diária da casa (excluimos os serviços previstos de cozinha e lavagem de roupa), uma jovem de 17 anos em regime externo a tempo parcial, cinco dias por semana (que reduzimos a um par de horas pela manhã), a quem pagaríamos um salário mensal de 1000 rupias<sup>99</sup>. Esta jovem nascida na cidade, identificando-se como *hindustani* porque descendente de pai imigrante do Punjab (embora a sua mãe fosse bengali), deslocava-se diariamente da área suburbana a sul da cidade onde residia com a sua família, não acumulando prestação de serviços a outras casas.

Como argumentam as autoras Seemin Qayum e Raka Ray, apesar das mudanças ocorridas em termos das modalidades de prestação destes serviços na moderna Kolkata, nomeadamente pelos constrangimentos de espaço dos novos apartamentos (que já não incluem acomodação específica para os serviços) e pela mudança nas relações e expectativas de empregadores e prestadores de serviço doméstico, entre as gerações mais jovens (que começam a procurar um maior distanciamento da tradicional relação intimista de dependência):

---

<sup>98</sup> *Veranda* – do termo português “varanda”; incorporado na língua bengali para designar galeria ou plataforma saliente da fachada estabelecida em todo o comprimento da habitação.

<sup>99</sup> Para permitir alguma contextualização, devo referir que estes salários seriam considerados acima da média para o tipo e tempo de serviço prestados. Em 2005-2006, a conversão de 1 euro oscilou entre 55-58 rupias indianas. Para 2006, a classificação da classe económica da família na Índia estava definida pelo valor de rendimento anual seguinte: rica – mais de 300000 Rs por ano; classe média – 75000 a 300000 Rs por ano; pobre – menos de 75000 Rs por ano (Bhandari & Kale 2007: 67); Em West Bengal, para o mesmo ano, a distribuição de famílias por classe económica foi de: ricas – 5.58%; classe média – 40.97%; pobres – 53.44% (*ibid*: 68). Mais à frente, no corpo de texto, serão referenciados os valores para a cidade de Kolkata.

[It] does not indicate the coming obsolescence of the institution of domestic servitude. (...)The troublesome compromises made around notions of space, privacy, and demeanor in the restricted living space of apartments are the price that Kolkata employers have deliberately agreed to pay for their reproduction. (...) we use the term “servitude” to refer to the persistence of forms of dependency and submission in relation to what is for the most part paid domestic work. We treat domestic servitude as an institution, not as an occupational category (as would be implied by “domestic service” or “domestic work”). We use “servant” because of its popular usage in India. Even though the Bengali term “chakor” (servant) has been, by and large, replaced by the term “kaajer lok” (person who works), the British words “servant” or “maidservant” have not been replaced by an equivalent of “paid domestic worker” (Qayum & Ray 2003: 547, 548).

Além destes serviços, outros subsectores da economia informal de prestação de serviços compreendem a recolha e reciclagem de lixo, transporte de bens e pessoas, como *coolies*, *rickshaw* e *ciclerickshaw wallah*, entrega a domicílio de bens e serviços ou prestação de serviços em localização provisória na rua, como *bhaari* (carregadores de água/aguadeiros), *dhobi wallah* (lavadeiros), *istiri wallah* (engomadeiros), alfaiates, barbeiros, sapateiros, artesãos, dactilógrafos, feirantes, *chai wallah* (vendedores de chá), até serviços de segurança e limpeza de espaços públicos.



Fotografia 08<sup>R4</sup>

This is in my neighbourhood. It is called *jal*<sup>100</sup>*bhaari*. They carry drinking water from the *tuewel*<sup>101</sup> to the household. In my area, especially, there are a lot of houses which are not having running water yet. In my house, we don't. We don't have taps. Well, we have one tap for the whole house. So, we have this people who bring the water from the *tuewel* to big drums. It's a very old house and there was no system from the very beginning and there was a water problem in the area. We have to make tanks, but some families agree some don't agree and in this way we don't have running water. So we have drinking water just because of them. They live in our house, so, we have provided a place for them to live. They don't pay us a rent or anything - they do a little work for us. And these people are all from Orissa ([BM] - residente, estudante universitária<sup>R4</sup>).



Fotografia 09<sup>R12</sup>

[O]ur *istiri wallah*. This family is staying here for the last three generations: his uncle, his father and now he is here with his brother. They are so many in every locality and they have, each and every, information regarding, each and every, family house with them! These boys are very good. In every *para* you will see one. It's so easy, you just give them your clothes through the window and it is done! (...) Mostly, they are Bihari. And this is a good business [for them] – you don't have

---

<sup>100</sup> *Jal* [djol] – água.

<sup>101</sup> *Tuewel* [tyuvel] – do inglês “tubewell”; incorporado em bengali coloquial para designar bomba de água.

**to incur in any expenses. And they are helping all of us. In this house, also, 40 years back we had a *lady dhobi* but, now, on the roads, you won't see their wives but they work at home<sup>R12</sup>.**



**Fotografia 10<sup>R19</sup> – Boot polish.**

**Who is happy, the client or the worker? Both are not happy. The “polish[ing] man” is unhappy because he looks at this boot and thinks: when will I have boots like these, costing more than 100 rupees? The other man is unhappy because he thinks that he has to pay for a small polish work, 15 minutes of work, maybe, 10 rupees. But, he will have to work in his job for two to four hours to earn about 5 rupees! ([AK] - residente, empregada numa ONG vocacionada para apoio a mulheres e crianças no seu *bustee*<sup>R19</sup>).**

Como sublinha esta jovem activista social, residente num *bustee* muçulmano, nem sempre são significativas as diferenças de rendimento entre o prestador de serviço *udbastu* (desfavorecido) e o cliente privilegiado, e o estabelecimento de classes com base em critérios estritos de rendimento económico não reflecte as diferenças de estatuto neste universo social. Ainda que tenha ocorrido uma evidente mobilidade vertical ascendente autonomizada relativamente ao sistema de castas, em função do poder económico e rede de relações estabelecidas com a administração colonial, continuada depois com a consagração constitucional da igualdade de todos os cidadãos, do sistema de discriminação positiva de comunidades desfavorecidas e da abolição de títulos e “Intocabilidade” (Constitution of India - 1949), a mobilidade individual, aparentemente, não é frequente. Ocorre, antes, em vagas de perda de estatuto

generalizado a toda a comunidade, como verificado ao longo do século XIX com muitas comunidades muçulmanas, e em sentido ascendente, como vimos atrás com outras comunidades ou, já na contemporaneidade, com grupos beneficiários do estatuto de discriminação positiva<sup>102</sup>; sendo as diferenças de estatuto social (associado aos privilégios da respeitabilidade) configuradas pela unidade colectiva de pertença<sup>103</sup> e dificilmente minimizadas pela aproximação de poder económico individual.

Esta jovem muçulmana de 31 anos, solteira, com habilitações académicas ao nível do ensino secundário e com funções de gestão executiva e ensino numa ONG no seu *bustee*, vive com mais seis membros da sua família numa casa-compartimento de 10 m<sup>2</sup>, subdividida (como é habitual para a maioria dos alojamentos em *bustees*) em três plataformas verticais para permitir diferenciação de espaço de dormida para todos. Porque o pai era polícia (com um salário de 3000 Rs) e o único a prover rendimento familiar à altura, quando faleceu terão solicitado um emprego para a sua mãe na mesma instituição que assim se terá tornado funcionária pública como polícia, mas por ser analfabeta, ter-lhe-ão atribuído funções que apenas permitem aceder a um salário mensal de 1500 Rs (não muito inferior, aliás, ao auferido por [AK] na ONG). Pelo tipo de trabalho que desempenham e pela unidade social a que pertencem - não abrangida pelo estatuto de discriminação positiva - o seu estatuto social é de alguma repetibilidade, não obstante a sua incapacidade de adquirir melhores condições de habitabilidade e ultrapassar a severa situação de pobreza em que vivem.

Afirma esta turista inglesa depois de um dia de estadia na cidade: «**a large percentage of the people live in poverty previously beyond our comprehension**» (turista inglesa, dois dias de estadia<sup>T7</sup>). Efectivamente:

---

<sup>102</sup> Sobre a mobilidade de grupos sociais em Bengala e formação de novas *jati*, ver Sanyal 1971.

<sup>103</sup> A respeitabilidade, configurada em função da unidade social de pertença e de forma multidimensional (território de origem, religião, casta, clã, tribo, idade, género, posição na célula familiar, etc.), é reforçada nas relações interpessoais em espaço público, desde logo, através do uso da língua (em bengali como em outras línguas usadas no território). À semelhança do uso do português em Portugal, a língua serve à diferenciação e hierarquização de posicionamento social e respeitabilidade através do uso de formas verbais específicas para denotação de respeito: uso de títulos prefixos como *Sri* [shree] ou *Shah* [shaa], sufixos como *Ji* [jee], *Da* [daa] ou *Di* [dee] (exemplos: Sha-Ja-Han, Sri-Ramakrishna, Gandhi-Ji, Sekhar-Da, Simanti-Di), títulos de cortesia autonomizados como *Dada* [daadaa] para homem mais velho, *Didi* [deede] para mulher mais velha ou casada (sobrepondo-se esta condição à idade) e inúmeras variantes antropónicas de manifestação e reforço de respeitabilidade, para além das inscritas formalmente nas práticas de nomeação.

The income distribution in KMA was estimated by KMDA in the report on Socio-Economic Profile of Households in Kolkata Metropolitan Area: 1996-97(...) On the basis of then defined poverty line of Rs.308.20 or less per-capita, the report estimated that 19 percent of households in KMA belonged to the category of poor. However, on the basis of “calorie intake criteria”, the estimated poverty level was found to be 34 percent for KMA.<sup>104</sup>

E cerca de 1/3 dos habitantes vivem em *bustees* ou *slums*<sup>105</sup> que constituem entre 42% a 45% da área habitacional da grande metrópole (números para 1996-97 segundo relatório da KMDA<sup>106</sup>). No entanto, contrariamente ao seu julgamento apressado e de muitos outros turistas que encontrei: **«you just got the feeling the ones that were suffering badly were largely in remote places you'd never go to. Or in dark rooms in shanty towns (...), without the means to escape»** (turista norte-americano, dois dias de estadia<sup>T9</sup>); **«I didn't visit the goonda-controlled slums, the bustees (...). I'm reluctant to go with no greater purpose than picturesque poverty»** (turista canadiano, dois dias de estadia<sup>T2</sup>), apenas 30% desta população se encontra abaixo da linha de pobreza<sup>107</sup> e nem sempre é possível estabelecer uma correspondência directa entre as ocupações mais desprestigiadas ou a residência em *bustee* e o nível de vida:

---

<sup>104</sup> Fonte: Jawaharlal Nehru National Urban Renewal Mission (JNNURM), Government of West Bengal. Ch I - «City Assessment: Analysis of the Existing Situation», 2007.

<sup>105</sup> Como já referi, embora usados de forma intercorrente, os dois termos diferem em significado e possuem implicação legal diversa. O *West Bengal Slum Areas (Improvement and Clearance) Act* de 1972 define a área de *slum* por «conditions...injurious to public health or safety or to the health, hygiene or morals of the inhabitants of such area»; enquanto o *bustee* se qualifica como tal, apenas, pela natureza física das suas estruturas. De acordo com o Calcutta Municipal Act de 1951: «as amended, *Bustee* means an area containing land occupied by, or for the purposes of, any collection of huts standing on a plot of land not less than seven hundred square metres in area. A ‘hut’ in turn is defined as ‘any building, no substantial part of which...is constructed of masonry, reinforced concrete, steel, iron or other metal’» (Bandyopadhyay 2005: 86).

<sup>106</sup> KMDA – Kolkata Metropolitan Development Area. Dados referenciados na fonte: Jawaharlal Nehru National Urban Renewal Mission (JNNURM), Government of West Bengal. Ch I - «City Assessment: Analysis of the Existing Situation», 2007.

<sup>107</sup> KUSP – Kolkata Urban Services for the Poor. Dados referenciados na sede da KUSP em Salt Lake e nas sessões de esclarecimento do projecto KUSP às comunidades locais. Kolkata, Dezembro de 2005 – Janeiro de 2006.



Fotografia 11<sup>R19</sup> - Woman cleans everything.

**She is paid 7000 rupees<sup>108</sup>, per month, to work from 6.00 a.m. to 9.00 a.m – 3 hours per day sweeping the street. She has a good house with colour TV and fridge, CD player, bangles made with gold and silver anklets... She is a “low caste government employee”<sup>109</sup>; her husband also has the same job. This job’s salary starts in 3500 rupees with extras during holidays. My mother is a “gentle lady” but no money! <sup>R19</sup>**

Às diferenças representacionais de cidade e espaço público que subjazem ao conflito de experimentação e percepção da cidade bengali pelos turistas ocidentais, que tenho vindo a argumentar, acrescem, ainda, as noções sobre variância da experiência do espaço e zonas espaciais de privacidade – íntima, social e pública – definidas por T. Hall, já em 1966, e que assumem um papel fundamental na elaboração deste tipo de enunciado discursivo e escolha de termos utilizados pelos turistas ocidentais: «**Kolkata la géante nous aspire dans son univers chaotique, grouillant, pollué et surtout plein de vie! Une fourmilière de petits métiers s'agite dans tous les sens. Mais comment l'Inde arrive-t-elle à gérer un tel désordre?**» (turista francês, um dia de estadia<sup>T5</sup>); **Crowded**

---

<sup>108</sup> Dois exemplos para contextualização: um serviço (considerando-se bem pago por 10h diárias e uma folga semanal, com regalias de férias e licenças) da International Guest House da instituição não governamental RKM auferia, em 2005, um salário mensal de 4000 Rs (conversa com [SUA], Kolkata, 04-11-2005); um licenciado em Antropologia em funções de secretariado na instituição pública University of Calcutta (7h diárias e duas folgas semanais, com regalias de férias e licenças), auferia, no mesmo ano, um salário mensal de 2800 Rs (conversa com [RC], Kolkata, 02-03-2006).

<sup>109</sup> “Low caste government employee” refere-se a membros de Scheduled Caste (SC), Scheduled Tribe (ST) ou Other Backward Caste (OBC) elegíveis para medidas governamentais de discriminação positiva, em que se incluem cotas de acesso ao emprego na função pública.



**streets, every one of them, bustling with people»** (turista norte-americano, dois dias de estadia<sup>T9</sup>).

Argumentam os autores desta área de estudo, como Hofstede ou Bochner, que nas sociedades modernas, mais individualistas (embora com diferenciações de género), o *self* tende a ser mais autónomo e separado, exigindo uma zona de privacidade fisicamente mais alargada (Bochner 1994). Ou como já havia descrito T. Hall, recorrendo ao exemplo do simbolismo espacial no Japão:

Para o ocidental, (...) a conotação da palavra “amontoamento” (*crowding*) é nitidamente desagradável. Mas os japoneses, conforme tive ocasião de os conhecer, parecem preferir a multidão, pelo menos em determinadas circunstâncias. (...) Não é, portanto de surpreender que a palavra “intimidade” (*privacy*) não exista em japonês, como nota Donald Keene, no seu livro *Living Japan*. Ou seja, a sua concepção de espaço, isolamento e intimidade são fundamentalmente diferentes da, neste caso, concepção anglo-saxónica (T. Hall 1986: 172-173).

Um turista proveniente da Nova Zelândia, nascido na Índia e tendo crescido no Reino Unido - como ele próprio afirma **«I've always been an immigrant in another country: In England I am perceived as an Indian, in India I am perceived as a foreigner, so, I had always this real difficulty about identity»<sup>T17</sup>** - elege uma das suas 8 fotografias de Kolkata, precisamente, para narrar sobre esta variância na experimentação de espaços e zonas de privacidade:



**Fotografia 12<sup>T17</sup>**

**This is a banyan tree on the way to Rashbehari. There was someone praying and I want to take a photograph of him praying but I decided not to because of the intrusion. (...) And the real notable thing for me, for this one, was the person praying and the contrast with the crowdedness of the city and to be able to develop a personal space in the crowdedness! You have noticed: Indians when they queue, they queue right next to you! Our [Indian] notion of personal space is very different; we touch a lot... The way the people are able to generate this personal space out of no where! As a kid, my grandmother used to drag me to these sorts of things in Delhi to pray in the mornings. I had to wake up at 6 o'clock in the morning and dragged to pray! (risos) (turista proveniente da Nova Zelândia, três meses de estadia em Kolkata<sup>T17</sup>)**

E como um jovem investigador indiano a residir na Suíça me confessou em conversa: «I never knew what loneliness was until I left India. In here, there is always someone around you. In Switzerland I have experienced the sense of solitude for the first time in my life!»<sup>110</sup>.

Efectivamente, os sujeitos-corpos tendem a mover-se no espaço preservando, entre si, o distanciamento que consideram desejável aos diferentes níveis de privacidade. E o conforto inerente a esta desejável distância física traduz-se em implicações concretas no ordenamento do espaço – privado e público – e nas suas regulamentações normativas de acessibilidade (Goffman 1963), materializando-se em configurações, usos e métricas de distanciamento discordantes, em função de diferentes contextos socio-espaciais (ver também Pellow 1993).

---

<sup>110</sup> Conversa com [Si.], Kolkata, 17-12-2004.



Fotografia 13<sup>T21</sup>

**It's College Street<sup>111</sup>. It's not one of the proper book vendors – I don't know how people are supposed to find the book in this pile. I find a lot things here being doing like that - They are not organized or anything. I don't go often here because I can't really buy many books: I have to go home. In New York City, we don't have a street just with bookstores or anything like this. (...) Here, you have like a neighbourhood full of the same products – like books or vegetables, all next to each other. Doesn't would make more sense to have them spread out across the city so they would not have to compete with each other? ...Back home, it's a different organization of neighbourhoods (turista/estudante de dança clássica indiana *Kathak*, norte-americana, sete meses de estadia na cidade<sup>T21</sup>).**

Conquanto para o forasteiro proveniente de uma “sociedade moderna”, a configuração de Kolkata se apresente como caótica, excessiva e de difícil acessibilidade, como descrito pela jovem romena que aqui permanece há alguns anos envolvida em projectos de desenvolvimento académico:

**It is the sillier disorder but still a very organized disorder. So, the order that, probably, we, as foreigners, cannot in the beginning understand or perceive, because we really see only disorder all over - a superficially first hand seeing, which might, always, make people run away - but this is the order they are creating through their disorder<sup>T25</sup>.**

---

<sup>111</sup> College Street é indexada a mais do que a rua com esse nome. Toda a área circundante é conhecida pela venda de livros. Entre os bengalis também designada como *boi para* – “o bairro dos livros”.

E que, na verdade, assenta precisamente na acessibilidade da proximidade física, conforto e vantagens do uso flexível, multimodal, inclusivo, gratuito ou de baixo custo, do espaço público.



Fotografia 14<sup>R6</sup>

**Especially the females come from far away from Kolkata by train; they carry all their vegetables they have picked up from the village – fresh ones - and they seat somewhere near the market and sell it. The small eating shops where they cook for the poor people – rice, *dal*<sup>112</sup> and vegetables, maybe some *egg curry* or *fish curry* – most of them are running by ladies. Tea shops, where they sell only tea and biscuits, that’s also running most by females. If you see men cooking or running the shop maybe either he is not married or his wife is busy taking care of the children. This is a typical *bazaar* that you will find everywhere. They sit on the road, either in the footpath or in the road only in the morning time or in the evening. Maybe these hawkers – we call them hawkers because they come and sell and go away – they have spoiled the habits of Kolkata’s people. I have heard from a lot of Bengalis and non Bengalis staying in Kolkata “I like my house very much!” I said “why?” [they answer] “if I go out I get bread, I get eggs, vegetables, fish and chicken but no mutton!” and “I get *paan*<sup>113</sup>, I get cigarettes and**

---

<sup>112</sup> *Dal* [daal] – termo genérico para lentilhas, existindo inúmeras variedades que são designadas por nomes específicos. Também usado, como neste caso, para designar o preparado de creme estufado de lentilhas que constitui um dos elementos básicos das refeições diárias em Kolkata.

<sup>113</sup> Ingredientes básicos do *Paan*: *Choon* – cal apagada/pedra de cal; *Betle, betel* – folhas da trepadeira betel que cresce enrolada no tronco da palmeira de areca – Areca Catechu; *Supari* – noz de areca ou de betel (tem alcalóides e tanino, usa-se seca e picada e usa-se também o líquido vermelho - *khoyer* – que

**sweets, I don't have to go to the market and walk long distances". That's why they have taken the maximum area of the road and the footpath everywhere, whether they are selling vegetables or garments or some kind of any other items<sup>R6</sup>.**

Em organização regida pela lógica do comodismo, proximidade física e acessibilidade, são mercados e vendedores e também prestadores de todo o tipo de serviços que se encontram na rua a cada passo. Kolkata é uma cidade de imigrantes em que a população bengali representa menos de 45% dos 14 milhões que aí vivem, os restantes provêm de outros estados da Índia e de outros países como o Bangladesh, a China ou o Nepal, em contínuo influxo requerendo acomodação para habitação e labor num espaço que escasseia. Em exemplar mutualismo, os imigrantes operários vão colonizando as áreas adjacentes aos espaços de demanda dos seus serviços e à sua volta, uma malha gigantesca para prover também a estes, as suas necessidades básicas a preços ainda mais reduzidos, incluindo comida, roupa, funções corporais, higiene ou culto religioso.

Como reivindicam os seus habitantes, Kolkata é uma cidade singular, em que qualquer indivíduo, recorrendo ao uso do espaço público para o exercício de todas as suas funções corporais e espirituais, pode sobreviver com quase nada de sua posse:



**Fotografia 15<sup>R16 – R17</sup>**

---

tem no interior e que é alucinogéneo. O efeito do *khoyer* em estado líquido de uma noz de areca corresponde aproximadamente a 6 ml de álcool). Ingredientes adicionais: especiarias várias, *taamaak* (tabaco), etc.:

The basic is the limestone – the calcium part – we call it *choon*. We put the lime in water, it gets soft and then we put that. Maybe this was one way of giving calcium to the ladies. This was actually the habit of the ladies inside the house. On that, there is another spice – *khoyer*. The red powder – if you have pan with *Khoyer*, your lips become red. (...) and on top of that the betel nuts. The betel nut is cut in small pieces. This is the normal ingredients for *paan* and on top of that there are so many things now: ...*supari* and *taamaak* with which you get addiction. As per order, they will make it ([AC]<sup>R12</sup>).

**We call Kolkata “The Cheapest City”. And this is a “road side hotel” near Sealdah. We can eat *fish curry, dal bhat*<sup>114</sup> ... all meals! ([PM] - residente, estudante universitária<sup>R16</sup>)**

**For a “veg meal” – 6 to 7 rupees; *egg curry* might be 10 rupees; to take fish or meat, it make another 6 to 7 rupees (...) [The people who own these places are] not necessarily Bengalis, they could be Biharis, ... you’ll get food through all the day, starting from 8 to 9 [a.m.]. ([MM] - residente, realizador de cinema<sup>R17</sup>).**



**Fotografia 16<sup>R19</sup> - Different ways of earning.**

**If someone is clever, never will be fasting! This is in GT road. They are selling glass stones very costly as precious stones. They say it is cheaper because they don’t have a shop and lots of people are buying!<sup>R19</sup>**

No final dos anos 1990, as estatísticas globais indicavam que para uma grande metrópole moderna, por cada milhão de habitantes, a produção diária de resíduos sólidos seria de cerca de 1800 toneladas. Em Kolkata, os 6 milhões de ocupantes da cidade central durante o dia produziam, nesta altura, apenas cerca de 2600 toneladas (Chakraborti 1997: 20), significando ser a sua produção bastante inferior à das grandes

---

<sup>114</sup> *Dal bhat* [daal bhaat] – A refeição de base mais comum em Kolkata: arroz cozido e creme estufado de lentilhas.

idades ocidentais. Na actualidade, de acordo com um agente<sup>115</sup> do West Bengal Pollution Control Board, a produção de lixo em Kolkata é de 5000 toneladas diárias mas, por deficiências de gestão de recursos humanos e equipamentos disponíveis, o governo estatal consegue recolher apenas cerca de 20-30% da produção total, razão pela qual uma grande quantidade de detritos se mantém visualmente exposta na cidade. Mas para além da dificuldade na remoção dos lixos, um outro factor é responsável pela sua ostentação em vários pontos da cidade – os *habitus* (Bourdieu 1977, 1990a)<sup>116</sup> de reciclagem. E não a inconsciência ou o alheamento dos residentes, como supõe a apreciação feita por este turista canadiano: «**Next day Calcutta was back to normal; loud, polluted, ugly. (...) It seems a contradiction that these ritually clean people are so unaware of the filth around them**» (turista canadiano, dois dias de estadia<sup>T2</sup>).



**Fotografia 17<sup>R13</sup> - Garbage in Kolkata.**

**This is near Burrabazar in the morning. If I am going for a morning walk in this area I feel ill. Lots of garbage, you can't walk through here! Only 2 persons are cleaning and they can't do it all in 3 or 4 hours! Government needs big cars to clean it in the night. There are no bins.**

---

<sup>115</sup> Conversa com [SMB], Kolkata, 08-12-2004.

<sup>116</sup> A noção de *habitus* – de uso corrente no seio das ciências sociais – foi tomada por Marcel Mauss (1936) a Aristóteles e depois remodelada e desenvolvida por Pierre Bourdieu. Resumidamente, refere-se ao que é encarnado nos corpos e espíritos sob a forma de padrões de comportamento, técnicas do corpo e representações da vida quotidiana. Pierre Bourdieu define-o deste modo: «systems of durable, transposable dispositions, structured structures predisposed to function as structuring structures (...) objectively adapted to their goals without presupposing a conscious aiming at ends or an express mastery of the operations necessary to attain them» (Bourdieu 1977: 72).

**Government put lots of bins made with iron and aluminium but some people – they steel them and broke them in peaces for selling. That is a problem that the Government can't solve. In our *bustee*, 10 to 20 round bins made with iron were installed in one time. Now, only, 2 bins are left** ([BS] - residente, estudante universitário e voluntário numa ONG vocacionada para apoio a mulheres e crianças no *bustee* muçulmano vizinho ao seu<sup>R13</sup>).

No que se refere à eliminação de resíduos, por exemplo, ao nível da economia formal, funcionários municipais recolhem o lixo diariamente, durante a madrugada, dos pequenos contentores (claramente insuficientes, sendo frequente o seu roubo para reutilização com outros propósitos), casa a casa, ou da rua nas áreas adjacentes, colocando-o em pequenos carros de transporte (como se vê na fotografia 17) ou em grandes contentores. Camiões recolhem estes contentores e transportam o lixo para o aterro do *Ramsar Site* (assim qualificado pela comunidade internacional) nas *Wetland* da zona oriental da cidade. Desde 1865 que existe a “Garbage Farm” em Dhapa o que coloca a *East Kolkata Wetlands* ou *Waste Recycling Zone*, a nível mundial, como o mais antigo e maior:

(...) model of a multiple use wetland, the site's resource recovery systems, developed by local people have saved the city of Calcutta from the costs of constructing and maintaining wastewater treatment plants. Thus the system is described as “one of the rare examples of environmental protection and development management where a complex ecological process has been adopted by the local farmers for mastering the resource recovery activities.” The wetland provides about 150 tons of fresh vegetables daily, as well as some 10,500 tons of table fish per year, the latter providing livelihoods for about 50,000 people directly and as many again indirectly (WBPCB 2003: 9).

Incluindo-se como beneficiários directamente envolvidos nesta exploração de recursos, para além de agricultores, pescadores, proprietários, distribuidores e vendedores, uma população de milhares de trabalhadores de grupos mais desfavorecidos, casuais ou a



tempo inteiro, conhecidos formalmente pelos termos de origem inglesa *rag pickers*<sup>117</sup> e *scavengers*<sup>118</sup> (trabalho realizado maioritariamente por mulheres e crianças), transportadores (puxadores de *rickshaw*) e prostitutas (para uma análise mais detalhada ver Bunting *et al* 2001).

Contudo, sendo a reutilização de materiais e detritos parte integrante da cultura da cidade e dos seus habitantes é, por isso, mantida, na sua larga maioria, à margem da economia formal. Como fez questão de sublinhar este antropólogo norte-americano que em 2007 permaneceu aproximadamente um mês na cidade em pesquisa de material de arquivo para apoio à sua investigação na região de Darjeeling, dedicando ao tema 5 das suas 13 fotografias da cidade: «**they use everything till the last extent they can use it! (...)** And they find a way to make it work, to reuse it, to recycle it!»<sup>T27</sup>.



Fotografia 18<sup>T27</sup>



Fotografia 19<sup>T27</sup>

**This is one of the photos I took in this Muslim area, mainly, around where I do my archival research, near MG Road. I wanted to photograph this area because it's basically what I would call the "metal breaking area" – They take anything metal and they just destroy it to reprocess, they break it piece by piece. One of the things I was trying to**

<sup>117</sup> *Rag picker* – termo genérico para a actividade de recolha de lixo para reciclagem. No entanto, é um termo de aplicação pouco correcta para esta actividade em contexto indiano, já que *rag* significa trapo e especificamente este tipo de material não é recolhido.

<sup>118</sup> *Scavenger* – termo genérico para a actividade de varrer, limpar lixo. Conotado com a função desempenhada pelos corvos (que dominam a paisagem da cidade) e nesse sentido de valor ambíguo – função poluidora, de valor negativo, ao mesmo tempo, essencial e valiosa:

[C]rows are helpful, crows should not be killed and people think that you'll get some virtues in your bag if you feed the crows. That association is there. Even my mother, I see, at the end of the day, she will take the food – maybe rice and *dal* – and she'll put for the crows. This belief is there ([AC] <sup>R12</sup>).

**capture with these photos is the resourcefulness of the city. Everyone talks about Kolkata as being such a poor place - I'm sure you've got a lot of that for your study – but, it is also a very resourceful place and they use everything till the last extent they can use it! It's such a huge lesson for us.**

**These guys' job is to seat there and take the most miniscule pieces of metal and breaking them up in even smaller bits of metal. They are bringing these trucks every couple of hours, just full of the wierdest stuff you've ever seen, like: old rusted wire, big steam barrels, huge truck tiers, just everything you can ever imagine. And they find a way to make it work, to reuse it, to recycle it! And, you can see how many people are involved in this whole process!** (turista/antropólogo, norte-americano, um mês de estadia<sup>T27</sup>).

Um outro exemplo, ao nível da reciclagem de papel. Os milhões de jornais que são lidos diariamente nesta cidade são recolhidos por serviçais domésticos (ou outros) e vendidos a um intermediário a cerca de 5 rupias/kg, que os limpa, alisa e empilha em bloco. Este vende-os outra vez, com uma pequena margem de lucro, a vendedores e feirantes que os utilizarão como invólucro de mercearias e objectos para transporte pelo cliente; ou, em vez disso, passa-os a uma outra família intermediária que os transformará num produto final de sacos com asas de corda, ganhando também algum dinheiro antes de completado o processo.

Este sistema de reutilização desdobra-se e multiplica-se a todo o tipo de materiais, bens e equipamentos de uso quotidiano, produzindo valor em termos de economia global ao mesmo tempo que preserva a distribuição da riqueza obtida pelos menos favorecidos, contrariamente ao que acontece na indústria recém-criada de reciclagem nas “sociedades modernas” em que o valor obtido – do processo e produtos resultantes – é apropriado mais uma vez pelas grandes corporações económicas.

**It's such a huge lesson for us. I don't know how it is like in Portugal but in the USA, a lot of the recycling programmes we have in the USA, they are not even real! – You just give your recycling over to a company that just goes and dump it in a trash, in a dump. The idea was to create these systems of recycling even when the resources were not available, just to put the people in the habit of recycling. And, then, you look to a**

**place like Kolkata and everyone has a little niche and help in many ways, in spite of the chaos, it works very well<sup>T27</sup>.**

Todavia, para a maioria dos turistas internacionais com apenas alguns dias de estadia, o significado atribuído a este universo de exposição, manuseamento e reutilização de materiais-lixo - que subverte a sua lógica de representação do objecto cidade, de visibilidades e de usos convencionais de espaços públicos que conhece (sobre os discursos acerca da salubridade urbana, ver Rotenberg 1993) - é referenciado com enunciados discursivos sobre pobreza, ignorância, incúria e, mesmo, malícia. Como revelado no enunciado desta turista inglesa:

**Another tip is to smash any bottles you may buy and drink whilst in Calcutta; this applies to spirits, beers, coffee, aftershave and perfume. The reason for this being that unscrupulous people will collect the bottles and sell them for refilling with cheap, inferior goods to be sold on for high profit!!** (turista inglesa, uma semana de estadia<sup>T1</sup>)

#### 4.3 Conclusão

Como comecei por argumentar, em Kolkata a valorização do património incide no tecido social, entendido como o bem mais valioso das suas representações identitárias de cultura urbana. Orgulham-se da sua expressão pública de tolerância, de hospitalidade, do elevado nível de literacia, intervencionismo social, político e cultural; da sua resistência às retóricas dominantes de produção capitalista sobre organização de pessoas, de espaço e de tempo. Ocasionalmente, apenas, tive oportunidade de verificar por parte de alguns bengalis a expressão hesitante e ambígua de sentimentos de vergonha e lamentação perante a sua adjectivação como preguiçosos, em referência às práticas de incumprimento de horários, adesão massiva às frequentes greves e manifestações políticas, e inaptidão para produzir abundância de capital<sup>119</sup>.

---

<sup>119</sup> Como exemplificado pelo discurso de [SB] na p.36, em que a jovem bengali recorre a enunciados discursivos sobre noções de nutrição e seus efeitos na *performance* do corpo, para justificar perante mim (interlocutora ocidental) as razões subjacentes à representação que reconhece dos bengalis como preguiçosos. Na verdade, esta representação estereotipada dos bengalis terá sido difundida pelos discursos orientalistas durante o período de colonialismo britânico (abordados em detalhe nos capítulos que se seguem). Nas suas narrativas sobre o atributo genérico de “vil oriental” aos indianos, terão sido particularizadas diferenças entre as populações do norte e as populações do sul: as últimas, ainda mais preguiçosas, fracas e sujeitas a enfermidades, devido ao clima subtropical (Dimeo 2002: 79); e designadamente sobre os bengalis, como expressou Thomas Macauley, membro do governo colonial, em



Fotografia 20<sup>R16</sup>

This is a symbol of the politics in the city. The city is very engaged in politics. (...) also, women are very engaged in political matters, even young women. We have many girls in the students union at the university. (...) This is a mural. Kolkata is famous for its *michil* [meecheel] (political rallies). Every day we have *michil*; they can stop the whole communication systems; whenever they like it, they can do it, everything stops. This is a call, it is written “brigod chalun” [breegod choloon] (“come to brigade”). It’s a big place in Esplanade for political meetings. (...) Now, mural painting is not allowed, but they still make it ([PM] - residente, estudante universitária<sup>R16</sup>).

Dizem de si mesmos *addabaj*<sup>120</sup> – amantes de conversa, tertúlia espontânea, desorganizada, sem regras e sem limitação de tempo, em casa, em tascas, casas de chá ou cafetarias, mas sobretudo, ao ar livre nas *rowak* [rok]- «the ledge or narrow platform outside a dwelling-house» (Kumar Ray 2005: 247) e nas *rastae chayer dokan*: «*chay* you know *chá*, and *loja de chá* is *chay-er dokan*. *Rasta* is road. Road side tea stall, if you translate it literally» ([AC]<sup>R12</sup>).

Dipesh Chakrabarty manifesta o seu ceptismo face a esta reivindicação identitária pelos bengalis, argumentando que:

---

meados de 1830: «The physical organisation of the Bengalee is feeble even to effeminacy. He lives in a constant vapour bath. His pursuits are sedentary, his limbs delicate, his movements languid» (*in ibid*).

<sup>120</sup> *Addabaj* [aaddaabaadj]. *Baj* do verbo *bajana* [baadjaano] – significa bater, tocar (música). Porque a *adda* é “batida” como a percussão musical.

The tradition of men and women gathering in social spaces to enjoy company and conviviality is surely no monopoly of any particular region. Nor is the word only a Bengali word; it exists in Hindi and Urdu and means a “place of gathering” (bus terminals in north India are called “bus-addas”). What is peculiar, if anything, in twentieth-century Bengali discussions of the practice of adda is the *claim* that the practice is peculiarly Bengali and that it marks a primary national characteristic of the Bengali people to such a degree that the “Bengali character” could not be thought without it. (...) For it seems to me that the apparent nostalgia for adda today occupies the place of another - and unarticulated - anxiety: How does one sing to the ever-changing tunes of capitalist modernization and at the same time retain a comfortable sense of being at home in it? (Chakrabarty 1999: 110)

Ainda que assim seja, a sua expressão e refinamento na língua e práticas bengali são incontornáveis, marcando também distintamente a configuração física e social do espaço público na cidade. «*Adda, we always say adda marbo/adda marchhe. But the verb mara is actually to beat. You can not beat adda, but it is a language fallacy. Adda is adda dichhi or adda marchhi, either is given or taken*» ([AC]<sup>R12</sup>), insinuando continuidade, cadência e batida rítmica, mas que ao contrário da música não se compadece com formatações de tempo.



Fotografia 21<sup>T22</sup>

This is the one I was sticking to. This is the *adda*, real *adda*. They gave me a chair to sit down, too. They are all 65 plus. It is around one o'clock in the afternoon. They all will be there from a quarter to one till one

**thirty and then go. I went there on another day and I miss them by ten minutes. I had to come back. And just after this, the tea came!** (turista NRI proveniente do Canadá, algumas semanas de estadia <sup>T22</sup>).

Afirma Kumar Ray que a sua origem parece residir na aldeia, nas reuniões informais dos anciãos ao fim do dia para discussão de possíveis problemas. Alegam os homens serem as *adda* do seu domínio – e para o mesmo autor: «no *adda* I know of before the second half of this century admitted women» (Kumar Ray 2005: 247). Os intelectuais declaram serem elas predominantemente literárias, culturais ou intelectuais, frequentemente dando origem a revistas de produção de autor ou *Little Magazines*, e lugares como a Coffee House na College Street ficaram conhecidos pelas suas sessões de tertúlia revolucionárias na primeira metade do século XX. Hoje, poetas, artistas, intelectuais e jovens estudantes continuam a reunir-se nestes lugares ao fim do dia, prolongando tertúlias pela noite fora.

Mas em verdade, as *adda* são transversais a toda a sociedade e a todos os temas passíveis de discussão. Na rua - as *rowak adda* - são domínio dos homens e da cultura subalterna *chhotolok* (“arraia-miúda”), podem ter lugar a qualquer momento do dia, sobre qualquer assunto e em qualquer passeio ou esquina onde o espaço e o tempo as permitam. E como declara esta jovem, embora a tertúlia de rua lhe esteja vedada, também ela, mulher, é *addabaj*:

**SB:** *Rowak* is some place on the road, in the mount of the road where the street meets the road. They sit on the floor or whatever. People have been coming and sitting there for such a long day and chatting that has become a *rowak*. Sometimes they could play, but is mainly for *adda* only. Just men not women, women are not supposed to do that. Normally *rowaks* have been for men, and even if some women go there and talk to them ...women mixing with men is still look down upon. (...) The husband will not take her to the *rowak*. I can be an *addabaj* [in the] balcony, terrace, inside of the house. Coffee shops and some places in public gardens or parks, as well, but no *rowaks*! I can not be a *rowak baj*.<sup>121</sup>

---

<sup>121</sup> Conversa com [SB], Kolkata, 9-01-2005.



**Fotografia 22** Fernando Sousa, Assist. na investigação

Kolkata tem inúmeros edifícios grandiosos e belas mansões, desenhada em ruas largas ladeadas por passeios espaçosos, que em muitos casos atingem mais de três metros de largura. Contudo, como procurei descrever, o seu quadro paisagístico não é este. Embuçados com uma saia ininterrupta de tendas, barracas, abrigos, passeios apinhados e extensões de lojas e oficinas, muitos edifícios são remetidos a blocos verticais amorfos, desinvestidos quase em absoluto das suas marcas de singularidade. Dos passeios, pela sua apropriação para labor, lazer e habitação temporária dos mais desfavorecidos, resulta a quase negação da sua configuração primária para circulação. Num desafio às lógicas de materialização de poder, os excluídos do conforto de habitação e labor que a cidade proporciona aos mais privilegiados para quem prestam serviços, exercem uma vingança simbólica sobre os que permitem a sua condição desigual. São eles que, desde o início da sua criação, controlam e configuram a aparência dos espaços mais manifestamente públicos da cidade – as ruas, os passeios e as fachadas exteriores. E deste modo, Kolkata é reconfigurada numa espécie de quadro paisagístico de mecanismo aberto, em que actores, processos, produtos e detritos do seu funcionamento são igualmente incluídos e expostos.

A procura de experiências exóticas habitualmente associadas à motivação inicial da descoberta do *Outro*, quando no confronto com a alteridade é, muitas vezes, convertida num reforço primário da identificação com as referências do real que se conhece, do que é familiar e proporciona segurança; com o conforto e vantagens dos seus lugares, dos seus espaços aos quais reconhece significados. Ao consumir as experiências de viagem nos termos das suas matrizes de conhecimentos, expectativas e fantasias formatadas a

*priori* na sua cultura de origem (ver Craik 1997; MacCannell 1992; Smith & Brent 2001), o turista nativo das “sociedades modernas” depara-se em Kolkata com a inexistência de uma relação intrínseca do real com os seus referentes cidade e espaço público; com a falta de um conhecimento gramatical para compreender e usar este objecto que não tem o significado que conhece. Não é, por isso, surpreendente que quando em trânsito em Kolkata se sinta agredido por esta entidade que o confronta ostensivamente com “too much...” de tudo o que não seria suposto.

Quanto aos habitantes de Kolkata, também não surpreende que perante este quadro coloquem a ênfase no seu património social. Pela sua tolerância e estratégias de inclusão associadas ao conforto da acessibilidade de proximidade de serviços a baixo custo e à não intervenção e desresponsabilização na esfera do *baaire*, dificilmente poderiam aspirar ao controlo de outra estética física da cidade.